



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC**

**ADRIANO CORRÊA DIAS**

**EMPRESAS PRIVADAS BRASILEIRAS E**  
**SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA**  
**BIBLIOGRÁFICA**

**RIO DE JANEIRO - RJ**

**2021**

**ADRIANO CORRÊA DIAS**

**EMPRESAS PRIVADAS BRASILEIRAS E SUSTENTABILIDADE: UMA  
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador (a): Marcelo Castañeda

**Rio de Janeiro – RJ**

**2021**

**ADRIANO CORRÊA DIAS**

**EMPRESAS PRIVADAS BRASILEIRAS E SUSTENTABILIDADE: UMA  
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ) aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

**MARCELO CASTAÑEDA DE ARAUJO, DOUTOR, UFRJ**

---

**RITA DE CÁSSIA MONTEIRO AFONSO, DOUTORA, UFRJ**

**Rio de Janeiro, 12 de Maio de 2021**

## AGRADECIMENTOS

A Deus e a Jesus Cristo, por terem permitido a conquista do meu sonho de ingressar na UFRJ e pela onipresença e proteção em todos os momentos bons e ruins. Sustentaram-me até aqui e, por isso, toda honra e glória ao Senhor e a Jesus.

Ao meu pai, João, por todo investimento na minha educação. Sempre se orgulhou das minhas conquistas e incentivou-me a buscar os meus sonhos. Devo a ele a pessoa que hoje me tornei. Obrigado por todo amor, dedicação e orgulho e que Deus o tenha em um lugar incrível no céu, como você merece!

Às minhas irmãs, Vanusa, Aline e Alice por fazerem parte desta jornada com palavras de apoio e amor, no qual sempre me confortaram e me deram o equilíbrio necessário! Aos meus amigos, que tornaram os meus dias mais felizes e que compreenderam minhas ausências em virtude dos incontáveis trabalhos e provas da faculdade.

Aos meus professores, em especial a Rita de Cássia e José Luís Felício, por terem contribuído na transformação da forma como eu vejo e devo agir no mundo. Graças a eles, hoje eu compreendo o papel ético e responsável que nós recém-formados em administração temos perante a sociedade e ao meio ambiente.

Ao meu professor orientador, Marcelo Castañeda, por me mostrar que a administração não necessariamente precisa ser voltada, apenas, para o mercado. É possível, sim, voltar-se para práticas que vão na contramão da visão racionalista. Obrigado pelas suas aulas de Seminário Psicossocial para Direção de Empresas, que me despertaram para a visão mais crítica dos discursos e práticas das organizações contemporâneas e da sustentabilidade na administração, dando fruto a este trabalho.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para meu desenvolvimento e amadurecimento nesta etapa que foi tão importante.

## RESUMO

As discussões sobre a sustentabilidade que se intensificaram a partir da década de 1990 transmitiram uma nova noção de responsabilidade ambiental das atividades empresariais para com a sociedade e meio ambiente. Compreender como a dimensão da sustentabilidade se configura nas empresas privadas brasileiras. Trata-se de uma pesquisa de atualização que faz a revisão bibliográfica dos textos publicados desde 2011 até o ano de 2020. Efetuou-se busca sistematizada abrangendo artigos de periódicos indexados nas bases de dados: Portal de Periódicos CAPES e Biblioteca Eletrônica SPELL, teses, livros, capítulos de livros e comunicações em eventos e imprensa. Foram analisados 20 artigos científicos publicados no Brasil. A técnica de análise de conteúdo foi utilizada por meio da construção de categorias determinadas a priori, a partir dos objetivos da pesquisa, do conhecimento do campo de sustentabilidade e do perfil das empresas brasileiras. Com base na sistematização desse conhecimento, contemplam-se as principais ferramentas corporativas das empresas brasileiras voltadas a sustentabilidade como reuso da água e materiais, reflorestamento, reciclagem, adoção da energia solar nas instalações, medidas essas que se intensificaram na última década no contexto brasileiro. As soluções sugeridas para a adoção da sustentabilidade nas empresas brasileiras relacionam-se ao papel da sociedade em pressioná-las com o objetivo de fiscalizar e romper as ações predatórias das empresas geralmente apoiadas pelo mercado e governo e no aperfeiçoamento dos índices e certificações de sustentabilidade para além das informações fornecidas pelas empresas e mercado.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Ferramentas Corporativas; Empresas Privadas

## ABSTRACT

Discussions about sustainability, which intensified from the 1990s onwards, conveyed a new notion of environmental responsibility of business activities towards society and the environment. Understand how the dimension of sustainability is configured in Brazilian private companies. This is an update research that makes a bibliographic review of texts published from 2011 to the year 2020. A systematic search was carried out covering articles from journals indexed in the databases: CAPES Journal Portal and SPELL Electronic Library, theses, books, book chapters and communications at events and the press. Twenty scientific articles published in Brazil were analyzed. The content analysis technique was used through the construction of categories determined a priori, based on the research objectives, knowledge of the sustainability field and the profile of Brazilian companies. Based on the systematization of this knowledge, the main corporate tools of Brazilian companies focused on sustainability are contemplated, such as reuse of water and materials, reforestation, recycling, adoption of solar energy in facilities, measures that have intensified in the last decade in the Brazilian context. The solutions suggested for the adoption of sustainability in Brazilian companies are related to the role of society in putting pressure on them with the objective of inspecting and breaking the predatory actions of companies generally supported by the market and government and in the improvement of sustainability indexes and certifications for in addition to the information provided by companies and the market.

Keywords: Sustainability; Corporate Tools; Private Companies.

## SUMÁRIO

1. Introdução	07
1.1. Formulação do Problema	08
1.2. Objetivos	09
1.2.1. Objetivo Geral	09
1.2.2. Objetivos Específicos	09
1.3. Justificativas	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. Sustentabilidade	11
2.2. Ferramentas Corporativas das Empresas Privadas Brasileiras	16
3. METODOLOGIA	21
3.1. Tipo de pesquisa	21
3.2. Universo e amostra	21
3.3. Coleta de dados	21
3.4. Tratamento dos dados	22
3.5. Limitações do método	25
4. DISCUSSÕES E RESULTADOS	27
4.1. Ferramentas Corporativas das Empresas em Geral	27
4.2. Ferramentas Corporativas das Empresas Específicas	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

## 1. INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 90, tem se intensificado a discussão sobre sustentabilidade e de que maneira a humanidade deve satisfazer às necessidades da geração presente sem comprometer as necessidades das gerações futuras, determinado no relatório de Brundtland (ONU, 2015). Esse compromisso ambiental gerou diversas Conferências da ONU, inclusive a Rio +20 no Rio de Janeiro, que evidenciou a necessidade de reformular e aderir à reforma da Comissão de Desenvolvimento Sustentável, salientando o compromisso de equilíbrio entre as esferas econômica, social e ambiental, que reforçou o vínculo entre a questão ambiental e social da sustentabilidade (ONU, 2015). Esses diálogos entre entidades governamentais têm relevância na conscientização ambiental e na reversão do caminho para o esgotamento total dos recursos e da poluição da atmosfera, dos oceanos e do solo (RATTNER, 1974).

Segundo o cálculo da Global Footprint Network (NASCIMENTO, 2019), em meados de 2019, a humanidade esgotou todo o orçamento de recursos naturais da Terra durante todo o ano, sendo mais cedo do que em toda série histórica desde 1970 e precisaria de equivalente a 1,75 Terra para suprir o atual padrão de consumo. Em 1970, os cientistas Thomas Lovejoy e Carlos Nobre alertaram sobre a Floresta Amazônica está seguindo para um nível de desmatamento irreversível – entre 20% e 25% - devido a uma exploração sem precedentes e posteriormente, tornara-se uma imensa savana (BRASIL DE FATO, 2018).

Para Mészáros (2002), um dos fatores mais relevantes para o desmatamento e poluição idem da extração, da produção e do descarte inadequado das corporações, que visam atender ao consumismo desenfreado da sociedade e à lógica do capital e, segundo Leff (2002), somente com uma mudança no paradigma de produção e consumo, podem-se resolver as problemáticas ambientais, portanto que não seja fundada apenas no aspecto econômico.

Diante desse cenário, Beder (2002) coloca em destaque, na década de 90, a grande ênfase nas práticas de relações públicas das organizações sobre a questão ambiental. Mas segundo Corrêa (2005), os investimentos de aspecto ambiental se deram para um gerenciamento de imagem da marca e para a estratégia de marketing



da corporação, seguindo uma tendência da iniciativa privada. Portanto, Chen, Lai e Wen (2006) enfatizam a utilização das problemáticas ambientais da iniciativa privada indo além da imagem corporativa, tratando-se de um aprendizado a fim de garantir uma vantagem competitiva.

Neste contexto, Martins e Razuk (2012) expõem a necessidade da aplicação do desenvolvimento sustentável, tratando-se do equilíbrio entre o crescimento e os aspectos socioambientais, ou seja, a atuação mais responsável social e ambientalmente dos atores econômicos, garantindo a sua continuidade. É perceptível o grande desafio dos agentes econômicos em conciliar o desenvolvimento das suas atividades e atuar em um cenário econômico em busca da maximização dos resultados por meio de uma gestão social e ambientalmente responsável (BORGES et. al. 2017).

A sociedade, segundo Morin (2000) e Capra (1988), se defrontaria então com os desafios ligados ao pensamento fragmentado advindos da racionalidade instrumental das organizações. Dessa maneira, no presente estudo foram escolhidos os últimos 10 anos, devido a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, sediada no Rio de Janeiro em 2012, nomeada de Rio+20 em que marcou os vinte anos do Rio-92, responsável por definir a agenda do desenvolvimento sustentável para as décadas seguintes (Rio+20, 2012). Além disso, a pesquisa se restringe somente às empresas privadas, a fim de analisar o panorama do setor privado quanto à dimensão da sustentabilidade, em busca da averiguação da abordagem dessa temática nas organizações.

### **1.1. Formulação do Problema**

Diante desse cenário, no qual se evidencia a importância desse ator econômico (empresas) na sociedade e, concomitante a isso, da notoriedade e relevância das ações na problemática ambiental em prol da preservação do meio ambiente e da conscientização social (BORGES et. al. 2017). Na mesma esteira, está segundo Miguel (2020) a insistência das grandes organizações sustentáveis em fortalecer a comunicação e o caráter midiático, alicerçadas nos direitos fundamentais capazes de conquistar o apoio popular e os consolidando politicamente em prol das questões ambientais. Com isso, o problema da pesquisa se configura na seguinte questão:

como a dimensão da sustentabilidade se configura nas empresas privadas brasileiras?

## **1.2. Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral**

O presente estudo tem por objetivo final entender a dimensão da sustentabilidade nas empresas privadas brasileiras.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Descrever as características da intersecção entre a sustentabilidade e as empresas privadas brasileiras.
- Identificar os principais elementos teóricos sobre a sustentabilidade nas pesquisas sobre empresas privadas brasileiras.
- Apresentar os principais resultados consolidados de pesquisas sobre sustentabilidade e empresas privadas brasileiras.

## **1.3. Justificativas**

Devido ao aumento desenfreado da degradação dos biomas brasileiros, em que o Poder Público se mostra cada vez mais ineficaz no combate ao desmatamento, queimadas, degradação e uso inadequado do solo (MIGUEL, 2020), mostra-se necessário esse presente estudo para aprofundar sobre quais as relações e ações das empresas privadas brasileiras com a sustentabilidade.

Para, além disso, Calixto (2010) relata sobre o engajamento da sociedade nas últimas décadas para a transparência e ações quanto às questões ambientais, que pressiona pela resposta das empresas privadas quanto às essas novas demandas exercidas pela sociedade através das ONGs, protestos, boicotes etc. É de suma importância resgatar no contexto brasileiro, o caso da Vale em seus rompimentos das barragens em Mariana e Brumadinho (2015 e 2018, respectivamente), sendo um dos maiores desastres ambientais de mineração no mundo (EL PAÍS, 2019), que evidencia a emergência de novas ações para com o meio ambiente, a fim de garantir

novas ações empresariais e do enfrentamento social quanto aos prejuízos ambientais, responsabilizando as empresas envolvidas em ações inadequadas.

Após esses desastres irreparáveis para o meio ambiente e para as vidas e famílias ceifadas, não houve a ação do Poder Público quanto à punição contra a Vale e a determinação da assistência médica, residencial e econômica às vítimas, contrariando o Acordo de Paris, assinado pelo Brasil tendo como prerrogativa a criação das melhores leis ambientais do mundo, que, por conseguinte, mostraram-se totalmente ineficazes na prática no caso Vale, tendo em vista que as mineradoras são as maiores ameaças aos recursos hídricos e ambientais (EL PAÍS, 2019). Portanto, o assunto se mostra relevante para compreender as ações das empresas privadas brasileiras quanto à solução dos problemas ambientais e principalmente pela prevenção das externalidades negativas ou desastres ambientais futuros, que podem incorrer na atividade fim empresarial.

As motivações pessoais que norteiam esse estudo estão no descontentamento com as práticas antiambientais daninhas das empresas privadas brasileiras, que tem desencadeado em grandes desastres para o meio ambiente e para as comunidades mais vulneráveis, que utilizam o meio ambiente como fonte de subsistência (como índios, pescadores, artesãos etc.). A inércia e falta de perspicácia do Estado em fortalecer as políticas ambientais e punir as corporações, além disso, do papel empresarial e social de intervir e cessar o uso indevido e desenfreado dos recursos naturais, diminuição da poluição do ar, da água e do solo.

A pesquisa foi alterada em seu tema e tipo de pesquisa devido à falta de dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas pelas ONGs ambientalistas e empresas privadas, que anteriormente tinham como objetivo principal a compreensão da relação de parceria entre as duas entidades na promoção de práticas ambientalmente sustentáveis. Desde modo, a mudança do panorama através de uma pesquisa bibliográfica, foi necessária para compreender o panorama e realidade de pelo menos um ator econômico (empresas privadas) de relevância na sociedade.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Sustentabilidade

Neste tópico serão abordadas as principais mudanças quanto aos conceitos, práticas e índices de sustentabilidade, através do que os autores demonstram pelo panorama sustentável inicial e atual, seja nas organizações ou na sociedade em geral e a relevância do assunto para o meio ambiente. Além disso, serão citadas ainda, as principais Conferências mundiais e as certificações empresariais que fomentaram a discussão ampla do tema.

Para Mikhailova (2004), o “estopim” para a visibilidade mundial sobre sustentabilidade e de como lidar com os problemas ambientais através do desenvolvimento sustentável foi a partir da realização da Conferência de Estocolmo em 1972 e concomitante a isso, Argenti (2014) reitera sobre as críticas da sociedade sobre os métodos para se obter lucro das empresas, que desencadeou em grandes desastres como o vazamento de produtos químicos em 1984 na Índia e o derramamento de óleo no Alasca em 1989, causadas pelas empresas Union Carbide e Exxon Valdez, respectivamente, conscientizando as organizações sobre a importância dos fatores ambientais. Anos depois, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, nomeada de Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra, que foi a responsável pela formulação do conceito de desenvolvimento sustentável como “aquele que busca as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades” (MIKHAILOVA, p. 26, 2004), advindo do Relatório de Brundland de 1987.

A conceituação de sustentabilidade está diretamente ligada a manter as condições de sobrevivência ou existência de um determinado sistema político-econômico e social, que possui a natureza/recursos naturais como base para a sua manutenção (ARAÚJO, 2016) e sendo anteriormente compreendido na prática por Quelhas, Alledi Filho e Meirinô (2007) que tem a sociedade como um ator regulador quanto às responsabilidades ambientais das corporações, em que suas atividades do processo produtivo desencadeiam em impactos ambientais e que não podem ser banalizados. Neste cenário, o relatório Brundtland determinou a necessidade de se

desenvolver um novo tipo de desenvolvimento capaz de trazer o progresso à sociedade, não em alguns lugares e por alguns anos, mas em todo o planeta e por muito mais tempo (ONU, 1987).

Devido à dubiedade do primeiro conceito de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável da RIO-92, no qual não são especificados as responsabilidades empresariais, Petrilli et. al. (2019) salientam sobre o crescimento das definições e construções essenciais para o tema, desencadeando incertezas nas organizações quantas ao uso e responsabilidade para com o meio ambiente e anteriormente evidenciado por Mikhailova (2004) que a mudança ao longo dos anos, resultou no conceito mais concreto sendo “o desenvolvimento sustentável procura a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes do mundo sem aumentar o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra” (CÚPULA MUNDIAL, 2002). Com essa nova concepção definida, Mikhailova (2004) evidencia as áreas-chave de ações para um modo de vida verdadeiramente sustentável, sendo:

- ✓ Crescimento e Equidade Econômica – Promover um crescimento responsável em longo prazo dos sistemas econômicos que não prejudiquem as comunidades/nações.
- ✓ Conservação de Recursos Naturais e Meio Ambiente – Desenvolver maneiras de reduzir o consumo de recursos e a poluição e preservar o meio ambiente para as futuras gerações.
- ✓ Desenvolvimento Social – Assegurar os direitos da população mundial como o acesso a emprego, educação, água, alimento, saúde, energia e saneamento, a fim de capacitá-los na determinação de seus futuros.

Diante dessa conceituação, segundo Claro, Claro e Amâncio (2008) é possível entender as três dimensões da sustentabilidade nas empresas (*TrippleBottomLine*), sendo a econômica, a ambiental e a social a fim de diminuir as externalidades das ações empresariais no meio social e ambiental. Por conseguinte, Petrilli et. al. (2019) corrobora sobre o aumento da importância da sustentabilidade nas empresas com o surgimento de balanços sociais, relatórios de sustentabilidade e adoção dos parâmetros sustentáveis e informações em relatórios com abrangência internacional.

O início do século 21 tem sido desastroso se comparado aos séculos passados, somente nas duas primeiras décadas deste século, o planeta passou por 80% mais

desastres relacionados ao clima segundo o Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), fenômenos como enchentes, tempestades e ciclones, secas e ondas de calor, tem evidenciado a emergência climática e a fragilidade humana (IPCC, 2018). Para o representante da ONU para Prevenção em Desastres, Mami Mizutori os riscos de catástrofes viraram algo sistêmico, com todos os desastres influenciando o outro de forma que a resistência da humanidade está sendo levada ao limite, devido à duplicação dos desastres naturais no mundo em 20 anos (G1, 2020).

Perante esses fatos, é notório que a origem dos problemas ambientais está ligada diretamente ao sistema de competição que permeia nos mercados, sendo essa competição, a responsável por recompensar as corporações que exploram exacerbadamente o meio ambiente e pela incisiva influência nas políticas públicas, no qual pelo meio legal adquirem permissões nas explorações dos recursos por meio de permutas políticas/financeiras (STERN, 1993). A exploração inexorável dos ecossistemas mundiais, seja na América Latina ou na África, tem evidenciado a redução das florestas em prol da expansão das terras de agropecuária e da agroindústria (IBAMA/UMA, 2004). Foi nesse contexto que no ano de 2000, a B3 (Bovespa) e instituições importantes como Ministério do Meio Ambiente, Abrapp, FGV entre outras, uniram-se para criar um índice de ações voltado para investimentos sustentáveis e responsáveis no Brasil, originando ao Índice de Sustentabilidade Empresarial – ISE, tendo como princípios: tornar investidor um indutor das boas práticas no ramo empresarial brasileiro e oferecer uma carteira de ações de empresas comprometidas com a sustentabilidade (B3, 2017).

A sustentabilidade se destaca segundo Borges et. al. (2017), na dependência de planejamento e reconhecimento sobre a finitude dos recursos naturais e que o desenvolvimento econômico tem que ser norteado por um limite de uso do meio ambiente a fim de não comprometer o usufruto dos recursos naturais pelas gerações futuras, sendo assim, as gerações atuais deve protegê-los, sendo necessário salientar que a sustentabilidade é uma questão ética, moral e social. Para Borges et. al. (2017), a sociedade tem se mostrado o elo mais fraco nos interesses do poder econômico, sendo negligenciada nas relações entre o Estado e as corporações e, portanto, criando-se a falta de representatividade política e econômica que fomenta o abismo social no Brasil.

Em termos de cenários e acontecimentos no que diz respeito à sustentabilidade, Claro, Claro e Amâncio (2008) reforçam que as mudanças no conceito de sustentabilidade estão ligadas diretamente às mudanças comportamentais das empresas, devido à disseminação desse conhecimento pelo mundo, fazendo com que haja uma pressão da sociedade pela criação e mudança das políticas ambientais. Para Callenbach et al. (1993), essas mudanças sociais afetaram o ambiente social e político na atuação das empresas e evidenciam uma necessidade em se adequar às novas diretrizes e limitações, sem se preocupar apenas com o retorno financeiro. No contexto brasileiro a tendência mais notória tem sido na avaliação das empresas inseridas no índice ISE, sendo a exigência do preenchimento de um questionário, posteriormente comprovados por documentos corporativos, com o objetivo de verificar o desempenho das corporações em aspectos como elementos ambientais, natureza do produto, mudança climática entre outros (B3, 2017).

Proops et. al. (1997) salienta que para uma sociedade sustentável é necessário a participação de toda sociedade e do Estado com o papel de liderar o mercado e conduzir as metas da sustentabilidade, a fim de se legitimar como um agente de equilíbrio frente aos grupos de interesses dominantes, desta forma, Donaire (1999) reforça a tendência do desaparecimento da visão racionalista, dando lugar a uma visão de responsabilidade socioambiental para se adaptar e conquistar novos consumidores. É de suma importância entender que para alcançar a sustentabilidade, precisa-se percorrer o caminho de um processo contínuo em direção a ela, tendo como diretrizes: a mudança dos paradigmas de exploração/degradação ambiental e de uso dos recursos naturais, reformulação dos valores sociais e a informação da necessidade de mudar os padrões baseado numa educação ambiental e na participação da sociedade nas decisões do Estado (PROOPS et. al., 1997). Para o alcance desse objetivo, Japiassú e Guerra (2017) corroboram que o meio ambiente deve ser visto não como a soma dos seus elementos (dos recursos naturais tal como água, solo, ar), mas de um entendimento em geral, como um bem jurídico autônomo e essencial à vida e que é dever dos cidadãos e do Poder Público protegê-lo, tendo o meio ambiente como indivisível e pertencente a toda a coletividade, garantido pela Constituição brasileira.

O obstáculo da mudança nas relações com a sociedade, segundo Borges et. al. (2017), está interligado ao tratamento adotado pelo Estado com a sociedade e com os grupos econômicos dominantes, tendo favorecido as corporações em detrimento do social. Com isso, o tratamento desigual é o primeiro a passar por uma reforma institucional com o objetivo de tornar o Estado um representante e aliado da sociedade em prol do desenvolvimento sustentável (BORGES et. al., 2017).

Faria (2014) detalha uma vertente mais crítica sobre a sustentabilidade relacionada à emancipação dos sujeitos (empregados das corporações) que promovem a conscientização da sociedade em prol da prevalência dos interesses coletivos e os tornando capazes de escolher não compactuar com as organizações que os usam para o alcance dos interesses particulares, findando somente aos interesses econômicos da corporação. Logo, evidencia-se como uma condição importante para a construção de uma sociedade mais independente e consciente dos direitos e deveres coletivos e desse modo, garantir a transformação que extingue a lógica do lucro e da exploração para executar uma auto governabilidade social, visando ao atendimento das verdadeiras necessidades da condição humana, priorizando que o processo não agrida o ambiente ao qual usufrui e tampouco as pessoas que o habitam. Com isso, Japiassú e Guerra (2017) ratificam sobre as mudanças na Constituição de 1988, na qual responsabilizam as pessoas jurídicas nas esferas penal (administrativa, civil e penal) quanto às infrações cometidas em prol de vantagem para a empresa, em que terá que responder pelas ações direta ou indiretamente, que degradem o meio ambiente e por fim, salienta a responsabilidade de todos (pessoa jurídica e física) pela salvaguarda do meio ambiente.

É perceptível a urgência de mudança nas políticas de exploração dos recursos naturais de maneira sustentável, que viabilize a regeneração dos ecossistemas de forma natural e principalmente uma reestruturação das relações econômicas mundiais, a fim de serem justas e que ponham fim na escravidão e exploração dos países pobres (ARAÚJO, 2016). Portanto, Faria (2014) explicita que todos os esforços, programas e políticas de sustentabilidade são de suma importância e devem ser perseguidos quando são aplicados, porque “preservar as condições de existência humana sustentável é uma necessidade social”. No qual até aqui, podemos observar o panorama histórico da sustentabilidade na sociedade, na próxima seção será abordada a atuação das empresas relacionadas a esse tema.



## **2.2. Ferramentas Corporativas das Empresas Privadas Brasileiras**

Nessa seção serão apresentadas e discutidas as principais ferramentas corporativas das empresas privadas relacionadas à sustentabilidade, além serão abordados os fatores que levam as empresas a buscarem essas ações sustentáveis, o contexto histórico das práticas e ferramentas corporativas e a maneira como o mercado reagem e atuam nas tendências voltadas ao tema.

As últimas décadas foram marcadas por inúmeras reivindicações da sociedade por meio de ONGs, estas reivindicações consolidaram mudanças de paradigma das organizações no que tange às esferas sociais e ambientais e, conseqüentemente, geraram respostas a essas pressões com investimentos socioambientais (CALIXTO, 2010). Estes investimentos, segundo Calixto (2010), visam promover o bem estar dos funcionários e das comunidades arredores das organizações com ações socioambientais, sendo voluntárias ou por meio de leis. Dessa maneira, Gati (2015) corrobora sobre o entendimento sobre a responsabilidade das empresas quanto a redefinição das estratégias, visão e missão que iria de encontro às necessidades sociais e ambientais do planeta. Tendo ainda na Conferência Rio+20, a proposta de uma reforma institucional da Comissão do Desenvolvimento Sustentável com o foco no equilíbrio das problemáticas econômicas, sociais e ambientais e, além disso, uma atualização no plano de ações para a Agenda 2030 (em vigor no ano de 2016) como objetivo de reforçar o vínculo entre meio ambiente e a dimensão social da sustentabilidade (ONU, 2015).

Anteriormente às reivindicações sociais e ambientais dos anos 90, Barbieri (2007) e Barbieri et. al. (2010) pontuam que a lógica racionalista ou meramente lucrativa da globalização se fazia presente, em que havia a vinculação direta das empresas como as principais causadoras dos problemas e degradações ambientais mundiais como o aumento vertiginoso da poluição e a exploração exacerbada dos recursos naturais desde a Revolução Industrial, no qual visava unicamente a obtenção de maior produtividade industrial e maiores receitas fomentados pelo capitalismo. Todavia, somente depois de algumas décadas de usurpação ambiental, ocorreram importantes reivindicações ambientais para modelos mais adequados e sustentáveis por parte dos Governos, movimentos ambientalistas e veículos de mídias, que resultaram em importantes reuniões de chefes de Estado pela sustentabilidade como

a Eco-92 no Rio de Janeiro e a Rio+10 em Joanesburgo em 1992 e 2002, respectivamente.

A ascensão do interesse dos investidores e da alta gestão das empresas sobre o comportamento socioambiental, com o qual compreendem sobre a necessidade das organizações em se envolver nas questões sociais com o objetivo de desenvolver capacidade de resposta aos anseios das partes interessadas de maneira voluntária e conseqüentemente, colocando-se como uma empresa socialmente responsável (BRANDT; KLANN, 2019). Além dos índices de sustentabilidade (ISE) como citados anteriormente, têm ainda o Guia Exame de Sustentabilidade que se compromete em publicar o *ranking* das empresas que utilizam das práticas sociais, ambientais e econômicas no Brasil com a finalidade de aferir o tripé da sustentabilidade empresarial, sendo complementados pelos *rankings* das Maiores e Melhores empresas brasileiras e das 150 Melhores Empresas para Trabalhar (NASCIMENTO et. al., 2020).

Para os autores González-Benito e González-Benito (2006) as práticas ambientalmente sustentáveis são ações optativas das organizações, a fim de minimizar os impactos negativos ao meio ambiente decorrentes das atividades de produção. Desse modo, buscam se reposicionar e adaptar-se para atender as exigências econômicas, sociais e ambientalmente sustentáveis. Devido aos impactos ambientais das organizações, Delmas (2002) reforça a importância da existência de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA)<sup>1</sup> e de certificações ambientais (ISO 14001, por exemplo) com o intuito de mapear, fiscalizar e gerenciar os riscos ambientais que incorrem nos processos produtivos. E ainda a respeito do SGA, Jabbour (2015) destaca para a relação da maturidade ambiental das organizações com o nível de evolução do seu SGA. Desse modo e de maneira a complementar, Moura (2016, p. 7) afirma que “a magnitude e a complexidade dos problemas ambientais demandam uma ação coordenada não apenas do Estado, mas de toda coletividade, para direcionar o conjunto dos recursos da sociedade rumo à sustentabilidade ambiental”.

---

<sup>1</sup>Trata-se de um sistema que norteia e implica sobre as políticas ambientais nas empresas, sendo considerada uma estratégia competitiva no plano de integração das informações e importante para investigar e aplicar soluções para reduzir os impactos ambientais das empresas. (Peixe et. al. 2019 apud. Alperstedt, Quintella, e Souza, 2010; Boiral e Henri, 2012; Rodríguez, Alegre e Martínez, 2011; Balzarova e Castka, 2008)

A notoriedade do tema de sustentabilidade nas empresas se deu a partir do Modelo Tripé da Sustentabilidade (*Tripple Bottom Line* ou 3BL) criado por Elkington (1997) objetivando traçar um equilíbrio e mensuração dos impactos econômicos, sociais e ambientais das organizações (BANERJEE, 2003). Em que os autores Norman e Macdonald (2004) descrevem o 3BL como a defesa da medição objetiva do desempenho ambiental (e social) e que concomitantemente devem ser aplicadas aos resultados das empresas para aperfeiçoamento do seu desempenho socioambiental. Ademais, as empresas “devem relatar esses resultados por uma questão de princípio e ao usar e relatar esses pilares adicionais que formam o tripé da sustentabilidade, as empresas esperam poder melhorar seus resultados financeiros a longo prazo” (NORMAN; MACDONALD, 2004, p. 246). E para além disso, Machado e Ott (2015) destacam que para uma empresa sobreviver, é necessário que seus produtos e processo produtivo sejam aceitos pela sociedade e não tão somente dependente da eficiência operacional e dos lucros obtidos.

Um desdobramento do modelo 3BL se deu na criação de uma organização internacional com o objetivo de aperfeiçoar e capilarizar os relatórios de sustentabilidade (DOMENICO; TORMEM; MAZZIONI, 2017), no qual se aplicam a busca da melhoria contínua, credibilidade e relevância nos relatórios de sustentabilidade da GRI através do apoio das empresas e especialistas que elaboram o relatório, que enfatize a sustentabilidade e a busca do equilíbrio entre o desempenho econômico, social e ambiental, por meio de indicadores que possibilitem a averiguação e uma estrutura confiável na elaboração de relatórios de sustentabilidade das organizações (GRI, 2021; RIBEIRO; CORRÊA, 2020).

Existem três fundamentos que sustentam as práticas ambientalmente sustentáveis nas empresas: o engajamento da sociedade nas causas ambientais e a pressão que este posicionamento social causa na reputação e imagem das empresas, o aperfeiçoamento operacional voltados a práticas ambientais efetivas e as indagações éticas que se defrontam os proprietários e as partes interessadas (*stakeholders*) das organizações na qual estão associados (GONZÁLEZ-BENITO; GONZÁLEZ-BENITO, 2005). Nesse quesito, Garrido e Saltorato (2015) pontuam que as empresas também utilizam dessas questões ambientais para a garantia de legitimidade com a sociedade, pois dessa maneira sua vantagem competitiva aumenta devido à necessidade das ações ambientais vistas pela sociedade para a preservação

do planeta e para, além disso, tendo a legitimidade bem sucedida somente se houver estratégias e comunicações bem desenvolvidas, pois são essenciais na manutenção da legitimidade, explorando e evidenciando o papel social da empresa (CZINKOTA; KAUFMANN; BASILE, 2014).

A adoção de uma responsabilidade socioambiental pelas empresas, segundo Donaire (1999) deve acarretar inúmeros ganhos financeiros e de imagem com a sociedade, garantindo sua maximização de lucro e sobrevivência organizacional em longo prazo. Acrescido a isso, o engajamento da alta administração das organizações nas questões ambientais desencadeia numa oportunidade de negócios, além de contribuir para a manutenção e preservação do meio ambiente (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2008). Associado a isso, Alves (2017) reitera que para além da preocupação ambiental, as empresas transformam as ações ambientais numa maneira de angariar lucros por meio do uso do *marketing* ambiental, capaz de informar ao mercado sobre o seu compromisso e concomitantemente obtendo ganhos na imagem empresarial para que os consumidores legitimem a empresa como ambientalmente responsável.

Há algumas vertentes críticas a respeito do engajamento sustentável das empresas, instituições e organizações, para Wanner (2015) o mercado se apossou das críticas para permanecer com a lógica de acumulação e assim garantindo a manutenção do *status-quo* mercadológico e práticas daninhas, porém usufruindo da ferramenta de comunicação sustentável e soluções que prezam pela diminuição dos danos ambientais (LATOUCHE, 2009). Dessa maneira, Banerjee (2003) reitera sobre a crescente presença do ferramentas de comunicação sobre sustentabilidade nas empresas, mas com o intuito de promover a maximização dos lucros em torno das problemáticas ambientais geradas pela lógica de livre mercado, na qual estão enquadradas. A partir dessa análise, o autor destaca a importância da crítica sobre a literatura da sustentabilidade:

É interessante observar como as noções de sustentabilidade são construídas, manipuladas e representadas tanto na imprensa de negócios quanto na literatura acadêmica. Como evidência dos efeitos deletérios do desenvolvimento, o discurso muda de desenvolvimento sustentável para uma visão mais positiva da sustentabilidade e, em seguida, desloca o foco para a sustentabilidade corporativa. Discursos corporativos sobre sustentabilidade produzem uma elisão que desloca o foco da sustentabilidade planetária global para sustentar a corporação através de “oportunidades de crescimento” (BANERJEE, 2003, p. 66).

Lara e Oliveira (2017) corroboram que não é somente as empresas que se utilizam da sustentabilidade com finalidades econômicas, mas também os investidores dos mercados de capitais, que buscam crescimentos dos investimentos através dos problemas ambientais, tendo investido cada vez mais em empresas voltadas para a comunicação da sustentabilidade, porém objetivando mitigar os riscos e aumentar os ganhos com a camuflagem sustentável no mercado.

Contudo Claro, Claro e Amâncio (2008) reforçam a responsabilidade da alta administração das organizações no comprometimento organizacional com a causa ambiental, mudar suas práticas daninhas ao meio ambiente e redefinir os processos e produtos a fim de garantir a prática ambientalmente sustentável pelas organizações. Os mesmos autores acrescentam o papel da alta administração na percepção e modificação da sensibilidade da organização quanto aos problemas socioambientais, pois assim, as iniciativas e esforços da organização terão sucesso no âmbito da responsabilidade ambiental.

Para, além disso, Lara e Oliveira (2017) argumentam da necessidade de se atentar sobre as influências das ferramentas corporativas no sentido enaltecedor das ações compensatórias aos impactos ambientais gerados, tendo a finalidade de mensurar e precificar os recursos naturais e o meio ambiente, sem compreender a magnitude dos danos irreversíveis que vão além das instalações das corporações.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de Pesquisa**

A pesquisa se configura como descritiva, na qual segundo Vergara (2014), tem como objetivo expor características de um determinado fenômeno ou população. Ademais, é um tipo de pesquisa que usa de técnicas padronizadas de coleta de dados por observação sistemática (GIL, 2002) e pesquisa bibliográfica.

Este tipo de pesquisa se justifica, pois o presente estudo tem por objetivo desvendar como se dá a relação das empresas privadas brasileiras com a sustentabilidade.

Quanto aos meios, configura-se como uma pesquisa de levantamento bibliográfico, utilizando as palavras-chaves “Sustentabilidade” e “Empresas” tanto na Biblioteca Eletrônica SPELL quanto no Portal de Periódicos da CAPES, chegando-se a 26 artigos e após análises detalhadas, voltadas apenas aos resultados das ações das empresas privadas brasileiras com a sustentabilidade nos últimos 10 anos, foram selecionados 20 artigos e posteriormente aplicado a análise de conteúdo com o auxílio da planilha do Excel, por meio das categorias e subcategorias de análise e com os resultados sendo subdivididos em dois tópicos principais: Ferramentas Corporativas das Empresas em Geral e Ferramentas Corporativas das Empresas Específicas.

#### **3.2 Universo e Amostra**

O universo do presente estudo são os artigos levantados para a análise das relações de sustentabilidade nas empresas privadas brasileiras e a amostra é uma parte desse universo dos artigos selecionados, que evidenciam essas relações nos últimos 10 anos, através do Portal de Periódicos da CAPES e da biblioteca eletrônica SPELL.

#### **3.3. Coleta de Dados**

Para Gerhardt e Silveira (2009), a coleta de dados é a pesquisa de informações a fim de dar entendimento a um fenômeno ou acontecimento, em que o pesquisador quer descobrir. Dessa maneira, no presente estudo, em seu objetivo final, busca-se

investigar e detalhar a relação das empresas privadas brasileiras e a sustentabilidade, nos últimos 10 anos, tendo os dados coletados por intermédio de pesquisa bibliográfica. Tendo como instrumento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica de artigos selecionados via Portal CAPES e SPELL, que teve a duração de duas semanas e utilizou das palavras-chaves para pesquisa “Sustentabilidade” e “Empresas”, tendo o objetivo de coletar dados recentes que se necessita, no qual se busca compreender informações mais dinâmicas e gerais a fim de traçar um panorama quando as ações das empresas privadas brasileiras e a sustentabilidade.

Gerhardt e Silveira (2009) dizem que a pesquisa documental é fundamentada em fontes de segunda mão, onde serão coletados documentos internos disponibilizados pelas Conferências da ONU. Serão utilizados os documentos *a priori* e *a posteriori* da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (RIO+20), realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 na cidade do Rio de Janeiro.

A pesquisa bibliográfica é vista como uma das principais e mãe de todas as outras pesquisas, fundamentada em fontes bibliográficas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Neste estudo, a pesquisa bibliográfica será efetuada em periódicos científicos, jornais especializados, dissertações e sites eletrônicos, como o Portal de Periódicos da CAPES e a biblioteca eletrônica SPELL, para a consolidação teórica no que tange às relações empresariais na esfera ambiental da sustentabilidade.

### **3.4. Tratamento dos Dados**

No tratamento de dados será utilizada a abordagem qualitativa, buscando analisar as características da realidade que não são quantificáveis, tendo como direção principal a compreensão e explicação holística das interações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Além disso, essa escolha se justifica pelo objetivo principal de investigar e explicitar como se dá a dimensão da sustentabilidade nas empresas privadas brasileiras, os autores Gerhardt e Silveira (2009) explicam sobre ser a maneira de adentrar nos significados dos agentes sociais partilhados no cotidiano.

Minayo (2007, p. 21) aponta a importância da escolha para a pesquisa qualitativa:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Inicialmente, tinha se chegado ao número de 26 artigos que possuíam relevância sobre relações ambientalmente sustentáveis, porém se buscou refinar ainda mais os resultados encontrados para somente a relação da sustentabilidade com empresas privadas brasileiras nos últimos 10 anos, o que resultou em um número de 20 artigos, no qual optou por retirar os artigos que abordavam sobre as teorias, definições e os mais antigos sobre essa relação com a dimensão da sustentabilidade. Dessa forma, nos 20 artigos selecionados para este estudo, aplicou-se a técnica da análise de conteúdo de Franco (2005) com o objetivo de refinar e detalhar os resultados encontrados no qual se aplica aos objetivos e problema de pesquisa do presente estudo.

A análise dos resultados se deu através do auxílio da planilha de Excel (Figura 1), que foi subdividida em oito colunas, sendo: a contagem dos artigos; nome do artigo; palavras-chave utilizadas; o resumo apresentado pelo autor; os respectivos autores; as empresas detalhadas no artigo (nome e/ou quantidade de empresas); os resultados do artigo e o link disponibilizado para o acesso do artigo. Como apresentado na figura dos vinte artigos analisados abaixo:

ANÁLISE DOS ARTIGOS							
Artigos	Palavras Chaves	Resumo	Autor(es)	Empresas Envolvidas	Resultados	Links	
1	Os Três Pilares da Sustentabilidade na KNX Plástico e Alumínio	Sustentabilidade, Planejamento, Resíduos	Empresas, indústrias que utilizam constantemente dos recursos e nem sempre de maneira responsável. O uso consciente e responsável de materiais, correto descarte de resíduos e emissão reduzida de poluentes contribui para a garantia de que haverá recursos naturais para todos no presente e no futuro	Flávia Rafaela Dave e Ana Paula de Lima da Silva	KNX Plástico e Alumínio	Os resultados da pesquisa são que as práticas da empresa no dia a dia é satisfatório por cumprir o que está descrito no seu Plano. Assim a sustentabilidade da empresa é baseada no conceito dos três pilares da sustentabilidade: Econômico, Ambiental e Social. Tendo no pilar ambiental, a questão da água, pois a mesma não é descartada cada vez é usada nas máquinas. A reutilização das sobras de matérias diminui o descarte de lixo no meio ambiente, e também o descarte correto, feito em parceria com empresas certificadas.	<a href="http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevTecnol/article/view/44105">http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevTecnol/article/view/44105</a>
2	Práticas de Sustentabilidade Como Estratégia de Legitimidade Organizacional	Práticas de Sustentabilidade, Teoria da Legitimidade, Estratégias de Legitimidade, Cooperativa	Objetivo do artigo é compreender como são adotadas as práticas de sustentabilidade como estratégias de legitimidade organizacional em uma cooperativa agropecuária. Para isso, desenvolveu-se a base teórica sobre Práticas de Sustentabilidade e Teoria de Legitimidade. Trata-se de uma pesquisa explicativa, com abordagem qualitativa, em que se adotou como procedimento o estudo de caso único, cujo caso selecionado foi uma cooperativa agropecuária localizada na região Oeste do Paraná.	Tabatha Caroline B. dos Santos, Silvana Anita Walter e Geysler Rogis Flor Bertolini	Cooperativa Agropecuária	Os resultados evidenciaram que a cooperativa adota práticas de sustentabilidade nas dimensões econômica, social e ambiental, como estratégia para ganhar legitimidade. Conclui-se que, na busca de um desenvolvimento sustentável, as organizações precisam encontrar formas de ganhar, manter ou recuperar a legitimidade social, diante das pressões externas, por meio de práticas de sustentabilidade.	<a href="https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1611/pdf">https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1611/pdf</a>
3	Evolução do Relatório de Sustentabilidade Global Reporting Initiative - GRI: 20 Anos de Aplicação	Global Reporting Initiative, Indicadores de sustentabilidade, Relatório de sustentabilidade	O estudo verificou através do Report List GRI desde sua publicação em 1999 até 2018, o nível de evolução destes relatórios de sustentabilidade da Global Reporting Initiative nas empresas do Brasil e do mundo. A GRI tem suas bases de relatórios na quarta geração do modelo, GRI-G4, o que mostra um empenho na melhoria contínua dos indicadores e sua adoção por diferentes países. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uso de dados secundários.	Rosany Corrêa e Henrique César M. Ribeiro	Empresas Brasileiras	A pesquisa mostrou que houve evolução na aplicação dos relatórios. Confirmando a consolidação e a legitimação da metodologia da GRI de divulgação de relatórios de sustentabilidade. As Diretrizes da GRI G4 representam um código de conduta e um padrão de desempenho, vistos com materialidade, evidenciado nas 3235 empresas que usam esse nível no mundo, dos quais 6% são empresas brasileiras, propiciando assim maior credibilidade das informações socioambientais aos seus stakeholders.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/60936/evolucao-do-relatorio-de-sustentabilidade-global-reporting-initiative-----gri-20-anos-de-aplicacao/i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/60936/evolucao-do-relatorio-de-sustentabilidade-global-reporting-initiative-----gri-20-anos-de-aplicacao/i/pt-br</a>

Figura 1. Elaborado pelo autor.



Artigos	Palavras Chaves	Resumo	Conceitos	Empresas Envolvidas	Resultados	Links	
4	A Colonização da Sustentabilidade: Análise do Discurso de Peças Publicitárias da Natura Cosméticos	Análise do discurso, Colonialidade, Decolonialidade, Natura, Sustentabilidade	O conceito de sustentabilidade ganhou destaque no ambiente corporativo nos últimos anos, o que não significa necessariamente que as empresas assumam todos os seus fundamentos. O discurso de sustentabilidade, sendo cooptado pelo capitalismo, torna-se uma ferramenta de marketing. A cooptação de pensamentos alternativos pelo capitalismo, como a sustentabilidade, é mantida pela colonialidade, por meio de discursos hegemônicos que reproduzem e reforçam estruturas institucionais, políticas, econômicas, culturais e de poder.	Andreina Del Carmen Camero de Lima, Eliza Pinto Narciso Saltarelli e Sabrina Soares da Silva	Natura	Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso de sustentabilidade em peças publicitárias da Natura Cosméticos a partir das quatro dimensões da colonialidade. As análises evidenciam que os enunciados pretendem destacar características e valores, de modo a persuadir o consumidor a comprar e utilizar os produtos da marca. Ocorre o silenciamento de alguns aspectos, tais como a exploração da natureza, a mercantilização de recursos naturais, os impactos ambientais do extrativismo, e as exigências de padrões de beleza, os quais podem ser relacionados às quatro dimensões da colonialidade.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/61376/a-colonizacao-da-sustentabilidade-analise-do-discurso-de-pecas-publicitarias-da-natura-cosmeticos/i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/61376/a-colonizacao-da-sustentabilidade-analise-do-discurso-de-pecas-publicitarias-da-natura-cosmeticos/i/pt-br</a>
5	Sustentabilidade nas Organizações: O Caso da Empresa de Participações e Investimentos	Desenvolvimento Sustentável, Programas Sustentáveis, Relatórios de Sustentabilidade, Sustentabilidade Organizacional	A preocupação com o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade vai muito além dos cuidados com o meio ambiente, além do contexto histórico do desenvolvimento sustentável, relata uma perspectiva social mais abrangente, direitos humanos, questões de desenvolvimento social. O tema sustentabilidade vem se destacando não somente pela escassez de matéria-prima, mas também pela cobrança dos diversos públicos envolvidos, sejam eles clientes, fornecedores, funcionários e até mesmo o próprio governo; estes diversos públicos querem organizações focadas no objetivo socioambiental e a sua transparência quanto a suas ações para com assunto.	Gilmar Carlos da Silva, Sílvio Roberto Stefano e Cláudio Luiz Chiusoli	Uma Empresa de participações e investimentos	Os achados apontaram que a organização realizou investimentos em treinamentos e na diminuição da relação do número de acidentes. A empresa objeto do estudo sugere que tem preocupação com o meio ambiente, e também tem a proposta de agir de forma transparente e que acontece na organização mesmo durante os períodos de crise houve investimentos em meio ambiente e em seus funcionários, demonstrando respeito tanto com o meio ambiente quanto com seus funcionários; não há irias as atividades e investimentos propostos pela empresa, e que atingem não somente os funcionários da organização, mas também a comunidade em geral, compartilhando as boas ações e contribuindo para uma sociedade melhor e mais sustentável.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/59388/sustentabilidade-organizacaoes-o-caso-da-empresa-de-participacoes-e-investimentos/i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/59388/sustentabilidade-organizacaoes-o-caso-da-empresa-de-participacoes-e-investimentos/i/pt-br</a>
6	Mensurando a Sustentabilidade Empresarial através do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE): Um Estudo em Empresas Do Setor Gráfico	Modelo de Mensuração, Pesquisa Empírica, Sustentabilidade Empresarial	No fim do século XIX, o despertar da industrialização e o surgimento da globalização causaram grandes impactos na sociedade, afetando as esferas ambientais e sociais, o que fez com que as organizações começassem a se preocupar com o alcance e a manutenção de seu sucesso no longo prazo. Neste sentido, usou-se práticas voltadas ao desenvolvimento sustentável e que estariam associadas às atividades operacionais ou de seu cotidiano. Na esteira deste processo, esta pesquisa teve como principal objetivo aplicar em empresa um modelo de mensuração de sustentabilidade empresarial por meio de uma integração de aspectos das dimensões ambiental, econômica e social. A Sustentabilidade Empresarial foi mensurada nesta pesquisa através do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE), que integra três dimensões do desenvolvimento sustentável: ambiental, econômica e social.	Maria Luiza Farias Diniz e Aldo Leonardo Cunha Callado	Empresas do Setor Gráfico	A partir desta metodologia, foram obtidos os resultados da sustentabilidade empresarial em ambas as organizações investigadas, como Sustentabilidade Empresarial Relativa, uma vez que as empresas possuem resultados positivos em duas das três dimensões consideradas pelo modelo - a econômica e a social. Contudo, de acordo com o modelo aplicado, as empresas analisadas possuem um bom desempenho econômico e boas interações sociais, contudo, ainda não comprometidas com aspectos ambientais.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/49442/mensurando-a-sustentabilidade-empresarial-atraves-do-grid-de-sustentabilidade-empresarial-gse-um-estudo-em-empresas-do-setor-grafico-i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/49442/mensurando-a-sustentabilidade-empresarial-atraves-do-grid-de-sustentabilidade-empresarial-gse-um-estudo-em-empresas-do-setor-grafico-i/pt-br</a>
7	Sustentabilidade Empresarial: Um Estudo de Caso na Empresa Artecola	Pilar Ambiental, Pilar Econômico, Pilar Social, Sustentabilidade Empresarial	O presente estudo tem como objetivo verificar as práticas de sustentabilidade que contemplam o triple bottom line na empresa Artecola. A matriz da empresa localiza-se no Rio Grande do Sul, possui unidades em vários estados no Brasil, na América Latina e na China. A empresa atua em três setores: químico, coureiro-calçadista e plástico de engenharia. Esta pesquisa classifica-se em bibliográfica, descritiva e estudo de caso qualitativo. Os dados foram coletados por meio de 10 entrevistas semiestruturadas e documentos internos, analisados por meio da análise de conteúdo qualitativa	Cristiane Froehlich e Claudia Cristina Bitencourt	Artecola	Os principais resultados mostram que as práticas de sustentabilidade contemplam o triple bottom line na empresa estudada. Contudo, o conceito de sustentabilidade não é compreendido de modo sistêmico na organização. Assim, os três pilares do triple bottom line (econômico, ambiental e social) não são, necessariamente, contemplados de modo interdependente nas ações de sustentabilidade empresarial atualmente.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/44237/sustentabilidade-empresarial-um-estudo-de-caso-na-empresa-artecola/i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/44237/sustentabilidade-empresarial-um-estudo-de-caso-na-empresa-artecola/i/pt-br</a>
8	Sustentabilidade nas organizações: a aplicação do método gaia de gerenciamento de impactos ambientais em uma empresa	Indicadores, Meio ambiente, Método GAIA, Sustentabilidade	O presente artigo demonstra a aplicação de um método de gerenciamento de impactos ambientais, definindo o grau de sustentabilidade de uma organização. Como objeto de estudo foi utilizado o método GAIA - Gerenciamento de Aspectos e Impactos Ambientais, baseado no desenvolvimento de três fases fundamentais: sensibilização, conscientização e capacitação, tendo sido aplicado a uma empresa de pequeno porte do ramo de panificação.	Celso Giancarlo Duarte de Mazo e Cláudia Patricia Garcia Pampolini	Empresa no ramo de Panificação	Por meio da aplicação de um questionário e da realização de entrevistas, identificou-se que a empresa possui indicadores de sustentabilidade enquadrados no nível bom, conforme preconiza o método GAIA. A pesquisa apresentou dados que corroboram a eficiência do método em destaque, com a identificação de dados que possibilitam determinar estratégias no sentido de desenvolver ações que melhorem a sustentabilidade socioambiental da empresa. Para estudos futuros sugere-se que seja ampliado o foco desse método, aprofundando a questão dos indicadores socioeconômicos.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/39496/sustentabilidade-organizacaoes-a-aplicacao-do-metodo-gaia-de-gerenciamento-de-impactos-ambientais-em-uma-empresa/i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/39496/sustentabilidade-organizacaoes-a-aplicacao-do-metodo-gaia-de-gerenciamento-de-impactos-ambientais-em-uma-empresa/i/pt-br</a>
9	Triple Bottom Line da sustentabilidade: uma análise em empresas nacionais produtoras de óleos e gorduras	Competitividade e óleos e gorduras vegetais e animais, Estratégia, Sustentabilidade, Triple Bottom Line	Este artigo tem como objetivo pesquisar três indústrias nacionais produtoras de óleos e gorduras vegetais e animais (OGVA) quanto ao reaproveitamento de seus resíduos (pós-consumo). A análise se baseia na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que utiliza como ferramenta a logística reversa para retornar os mesmos aos centros produtivos. A adoção dessa prática pode estar relacionada ao TBL (Triple Bottom Line) da Sustentabilidade por atender aos aspectos: ambiental, social e econômico da presente e futuras gerações.	Mariana Pessoa Mascarenhas e Wendel Alex Castro Silva	Empresas nacionais produtoras de óleos e gorduras	Como consequência, o resultado negativo encontrado pós-análise foi a não adoção da logística reversa como atividade sustentável. Outras, mais próximas ao negócio, como uma retratação socioambiental foram apresentadas demonstrando que as organizações utilizam destas práticas sustentáveis como geração de valor e estratégia de competitividade e sobrevivência no mercado.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/38246/triple-bottom-line-da-sustentabilidade-uma-analise-em-empresas-nacionais-produtoras-de-oleos-e-gorduras/i/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/38246/triple-bottom-line-da-sustentabilidade-uma-analise-em-empresas-nacionais-produtoras-de-oleos-e-gorduras/i/pt-br</a>
10	Avaliação Da Gestão Ambiental Uma Pesquisa em Empresas de Construção Civil na Cidade de Maringá	Construção Civil, ISO 14001, Sistema de Gestão Ambiental	A gestão ambiental é um tema de crescente interesse em vários setores da economia, sendo um deles o da construção civil. O presente trabalho tem por objetivo avaliar empresas da construção civil da cidade de Maringá, Paraná, Brasil com relação à gestão ambiental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que por meio do método de gestão survey, tendo sido enviado o questionário a 32 empresas da construção civil, das quais apenas 13 responderam.	Daiane M. de Genaro Chiroli, Eduardo J. Volante, Andréa C. Thierweiler e Lucila M. S. Campos	Empresas da Construção Civil	Os principais resultados indicam que, impactos ambientais são rotina na maioria das empresas; 50% tem a visão de que a ISO 14001 traz melhorias no canteiro de obras e 48% delas pretendem obter a certificação. No entanto, a certificação ISO 14001 é algo distante da realidade das empresas pesquisadas. Observou-se também, que é mandatório que as empresas realizem a gestão de resíduos da construção civil, porém não há uma obrigação legal para a obtenção de certificações como PBQP-H, ISO 9001 e ISO 14001.	<a href="https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33933115002">https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33933115002</a>
11	Implementação de Práticas de Sustentabilidade Ambiental em Uma Empresa do Setor Mecânico	Sustentabilidade ambiental: setor metal mecânico.	O estudo teve por objetivo identificar as práticas de sustentabilidade ambiental realizadas em uma empresa do setor metal mecânico e ainda verificar quais os fatores que motivam a empresa a realizar essas práticas. A pesquisa possui abordagem metodológica qualitativa, e quanto aos objetivos propostos, a pesquisa é do tipo exploratória. Os dados foram coletados por meio de pesquisa realizada com o proprietário da empresa.	Lorimar Francisco Munaretto, Jéssica Thalheimer de Aguiar e João Paulo Vieira	Empresa do Setor Mecânico	Os resultados demonstram que a empresa em análise desenvolve diversas práticas sustentáveis. A empresa produz soda cáustica no decorrer das atividades, esse resíduo é reutilizado para uma indústria da própria região garantindo com que o mesmo não seja lançado no meio ambiente. No corte das chapas metálicas restam sobras de chapas que são reutilizadas para outra empresa, que utiliza os retalhos em seu processo de produção.	<a href="https://revistas.eletronicas.fma.br/index.php/rms/article/view/1024/pdf">https://revistas.eletronicas.fma.br/index.php/rms/article/view/1024/pdf</a>
12	Análise das práticas de sustentabilidade utilizadas na gestão da cadeia de suprimentos: pesquisa de campo no setor automotivo brasileiro	Sustentabilidade, Práticas sustentáveis, Cadeia de suprimentos, Indústria automotiva	O desequilíbrio ambiental decorrente de ações do homem sobre o meio ambiente obrigou os principais governos do mundo a incluir questões ambientais nas suas reuniões. Este desequilíbrio é consequência do consumo descontrolado dos recursos naturais e da geração de resíduos e emissões atmosféricas que se intensificaram desde a revolução industrial. Este estudo tem como objetivo identificar e analisar as práticas mais valorizadas de sustentabilidade, os fatores relacionados ao desempenho ambiental, financeiro e operacional considerados no processo de seleção e desenvolvimento de fornecedores de empresas integrantes de cadeias de suprimentos no setor automotivo brasileiro.	Rosângela Maria Vanalle e Leandro Bianco dos Santos	Empresas da Indústria Automotiva	Como resultado, foram identificadas as práticas de sustentabilidade mais valorizadas e os fatores considerados no processo de seleção e desenvolvimento de fornecedores pelas empresas. Os resultados obtidos servem como base de direcionamento para novas pesquisas sobre o assunto e contribuem com a literatura sobre o tema.	<a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=50104530X2014000200008">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=50104530X2014000200008</a>
13	Práticas sustentáveis voltadas à Green Logistic: Estudo multicase em empresas de cosméticos	Sustentabilidade Green Logistic, Cosméticos	Este estudo aproxima os temas de sustentabilidade e Green Logistic, com o objetivo de analisar quais práticas de sustentabilidade, voltadas à Green Logistic, são evidenciadas pelas três maiores empresas de cosméticos atuantes no Brasil. Para tal, foi realizado um estudo básico, multicase, descritivo e documental, com abordagem qualitativa, por meio de análise de conteúdo dos relatórios de administração e de sustentabilidade, dos exercícios sociais de 2014 a 2018, das empresas Avon, o Boticário e Natura.	Marilyza Rech, Débora Gomes de Gomes, Valmor Reckziegel e Marcos Antônio de Souza	Boticário, Avon e Natura	Os resultados da pesquisa demonstraram que as três empresas analisadas evidenciam práticas de sustentabilidade voltadas à Green Logistic, especialmente com relação à redefinição de processos, de toda a cadeia produtiva e de distribuição; redução de gases de efeito estufa, uso de outros modos de transporte, parceria com transportadoras, cadeia de fornecimento, operadores logísticos e terceiros; redução e otimização na distribuição dos produtos; logística reversa; e redução das pegadas de carbono.	<a href="https://portal.periodicos.unoesc.edu.br/raca/articulo/view/2017013990">https://portal.periodicos.unoesc.edu.br/raca/articulo/view/2017013990</a>

Figura 1. Elaborado pelo autor.

14	Gestão Pro-Sustentabilidade um estudo sobre o processo de mudança em uma empresa brasileira	Sustentabilidade; Gestão; Mudança.	Diante das atuais preocupações com a degradação do planeta e a desigualdade social decorrente das atividades empresariais, percebe-se uma crescente necessidade de integração de ações mais responsáveis tanto na pesquisa como na prática da gestão das organizações. Esses impactos socioambientais impulsionam as organizações a repensarem seus modelos de gestão, buscando um redimensionamento que ultrapasse as formas tradicionais rumo a uma gestão pró-sustentabilidade	Ana Carolina Salles, Ana Paula Ferreira Alves, Jaqueline Guimarães Santos e Luis Felipe Machado do Nascimento	Mercur	Os resultados apontam que a concepção e a implantação de um modelo pró-sustentabilidade é possível, dentro da realidade da empresa estudada. Ainda, os colaboradores opinam positivamente sobre o processo de mudança e percebem que a empresa contribui para um desenvolvimento mais sustentável.	<a href="https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1422/html">https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1422/html</a>
15	Discurso das Práticas Ambientais e Isomorfismo Nas Empresas de Alto Impacto Ambiental Listadas na BM&Fbovespa	Práticas ambientais; Alto impacto ambiental; Isomorfismo.	As organizações estão sujeitas a pressões sociais para a adoção de posturas voltadas para maior responsabilidade ambiental. Essas organizações respondem por meio de estratégias de gestão, desenvolvendo políticas ambientais cujos resultados devem ser evidenciados para os stakeholders. Nesse cenário, este estudo tem por objetivo analisar as características das informações ambientais presentes nos relatórios da administração, nas notas explicativas e nos balanços patrimoniais de empresas de alto impacto ambiental listadas na BM&Fbovespa, identificando possíveis posturas isomórficas.	Benedito Manoel do Nascimento Costa, Paulo Henrique Leal, Márcia Martins Mendes de Luca e Alessandra Carvalho de Vasconcelos	Empresas brasileiras de Alto Impacto ambiental	Os resultados evidenciam que as empresas apresentam postura semelhante nos discursos ambientais. Os relatórios da administração contêm o maior número de informações relacionadas ao meio ambiente, em que mais se destacaram as categorias Políticas ambientais, Impactos dos produtos e processos e outras informações ambientais. Além disso, os segmentos que mais divulgaram informações ambientais foram Papel e celulose, Siderurgia e Exploração e refino, enquanto as empresas maiores, avaliadas pelos seus ativos totais, divulgam mais informações ambientais.	<a href="https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/754/0">https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/754/0</a>
16	Sustentabilidade Empresarial: Considerações sobre Diferentes Sistemas de Mensuração do Desenvolvimento Sustentável	Sustentabilidade Corporativa; Indicadores de Sustentabilidade; Sistema de Mensuração do Desenvolvimento Sustentável	A mensuração da sustentabilidade empresarial é um tema complexo e fundamental para a operacionalização do desenvolvimento sustentável na rotina diária das organizações. Por isso, inúmeros sistemas foram desenvolvidos após o alerta apresentado pela Agenda 21 Global quanto à sua importância. Apesar da existência desses vários sistemas, algumas lacunas ainda impedem a inclusão da sustentabilidade na agenda operacional das organizações, dentre elas a falta de congruência em relação ao seu conteúdo.	A. M. Imperador e M. V. H. Silva	Sistemas de Mensuração do Desenvolvimento Sustentável (SMDS)	O trabalho compara diferentes níveis de profundidade na gestão da sustentabilidade empresarial e apresenta temas prioritários como Água, Energia, Resíduos, GEE e Biodiversidade. O GRI apresenta critérios mais profundos e detalhados na dimensão ambiental, sendo o único a objetivamente avaliar metas quantitativas na performance ambiental.	<a href="http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5916">http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5916</a>
17	A Sustentabilidade Aplicada na Elaboração de Centros de Distribuição no Brasil	Logística; Centro de Distribuição; Empreendimento Sustentável.	A elaboração de um empreendimento no ambiente construído representa uma grande parcela no processo de degradação do meio ambiente. No ambiente empresarial, a logística corresponde a um setor importante para o mercado, e um Centro de Distribuição, é o empreendimento responsável por intermediar as atividades realizadas na cadeia logística. A atitude sustentável é cada vez mais exigida pelas esferas governamentais, pelo mercado, e pela sociedade. Em razão da necessidade de adotar um modelo de empreendimento que favoreça o desenvolvimento social e econômico, e minimize os impactos proporcionados no meio ambiente	Rauf Rodrigues Soares	Centro de Distribuição	Os resultados mostram a diversidade de estratégias utilizadas para promover o desenvolvimento sustentável em Centros de Distribuição. Entretanto, a dispersão e a baixa frequência nas estratégias identificadas mostraram que, embora partilhando de atividades logísticas semelhantes, não existe nível consistente de padronização entre os Casos em estudo.	<a href="http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/article/view/437#:~:text=Em%20raz%C3%A3o%20da%20necessidade%20de,as sim%2C%20tanto%20o%20ambiente%20constru%C3%ADdo">http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/article/view/437#:~:text=Em%20raz%C3%A3o%20da%20necessidade%20de,as sim%2C%20tanto%20o%20ambiente%20constru%C3%ADdo</a>
18	Por Livre ou Espontânea Pressão: A Motivação de Empresas Para a Contratação de Consultorias Ambientais	Estratégia, Consultoria Ambiental, Sustentabilidade Ambiental, Isomorfismo.	Apesar do consenso sobre o papel das empresas em relação ao desenvolvimento sustentável e do valor que sustentabilidade pode ter relacionado à vantagem competitiva, as empresas no lugar de serem proativas, parecem reagir às pressões institucionais para desenvolver comportamento sustentável, ficando o dilema se estas abraçam a busca pela sustentabilidade espontaneamente ou até em busca de uma nova forma de vantagem competitiva ou se abraçam a sustentabilidade pela busca de legitimidade ou em resposta às pressões institucionais. Com o objetivo de analisar a motivação para a contratação de consultorias ambientais baseando-se no Isomorfismo em Sustentabilidade Ambiental, analisou o perfil dos clientes que solicitaram serviços ambientais e criar uma agenda para trabalhos futuros	Silvia Regina Meira, Luiz Antonio de Camargo Guerrazzi e Marco Andre de Carvalho Assan	Empresa de Consultoria Ambiental	Pelas análises, os resultados apontaram que a motivação por Obrigatoriedade de Legislação estava presente em 65,53% dos trabalhos analisados e o que determinou o agrupamento destes trabalhos em fatores distintos foi o Setor da Economia que o cliente demandante dos serviços pertencia. Estes grupos foram chamados de Fator 1 "Setores da Economia: Transporte, Energia, Governamental e Agrícola.", e Fator 2 "Setores da Economia: Industrial, Construção e Serviços.". Este trabalho se mostrou importante por evidenciar o papel da legislação ambiental, políticas públicas, agências reguladoras e sociedade, como fundamentos para as empresas poderem levar para sua agenda estratégica o tema de sustentabilidade ambiental.	Não Foi encontrado, mas há o arquivo do artigo.
19	Em Busca das Justificativas empresariais para as iniciativas ambientais das empresas brasileiras líderes na publicação de relatórios de sustentabilidade	Desempenho financeiro; Iniciativas ambientais; Relatórios de sustentabilidade; Sustentabilidade Corporativa	Examinando as informações divulgadas pelas empresas líderes na publicação de relatórios de sustentabilidade no Brasil, esta pesquisa buscou verificar a existência de uma justificativa empresarial (business case) para suas ações ambientais. Com o estabelecimento de clara associação entre desempenho ambiental e financeiro, as ações ambientais teriam conexão consistente com a estratégia corporativa, influenciando o processo de tomada de decisão empresarial e reduzindo os riscos de redução ou abandono em momentos de dificuldade econômica ou escassez de tempo dos gestores.	Larissa Gomes da Silva Cardoso e Celso Funcia Lemme	Relatórios de empresas brasileiras	Em linha com pesquisas anteriores, os resultados indicaram que as empresas, de diversos setores, ainda pouco fazem esta associação, tanto nos relatórios de sustentabilidade quanto nos websites. Para se tornarem mais efetivos como instrumentos de gestão e comunicação, os relatórios de sustentabilidade poderiam reduzir o número de páginas, destacar os vínculos com a estratégia empresarial e a gestão operacional e apresentar uma justificativa empresarial para as práticas ambientais.	<a href="https://rgsa.emmuvens.com.br/rgsa/article/view/435">https://rgsa.emmuvens.com.br/rgsa/article/view/435</a>
20	Deixe-me Ver Como Ager e Eu Te Direi Quem És: Perfis de Organizações Sustentáveis.	Metodologia Q; Motivadores de sustentabilidade; Perfil de empresas	Os motivadores para a sustentabilidade corporativa têm sido bastante estudados e as pesquisas têm buscado identificar, principalmente, sua origem, se interna ou externa. Um número limitado de pesquisas tem considerado uma abordagem mais ampla, aceitando que tais motivadores interagem entre si, não ocorrendo de forma isolada. Considerando tais interdependências, este artigo buscou identificar os perfis de sustentabilidade corporativa em relação aos motivadores direcionados às estratégias de sustentabilidade.	Ana Clarissa Matte Zanardo Dos Santos, Maira Petri, Ricardo de Oliveira Lupion e Eduardo Luis Hepper	Perfis das empresas brasileiras	Na primeira fase, de natureza qualitativa, houve sete entrevistados. Na fase quantitativa, participaram 24 respondentes, sendo 13 válidos para análise. Os resultados apontam quatro perfis dentro as organizações: (1) Sou responsável e quero que saibam, (2) Somente minha imagem importa, (3) Busco vantagem competitiva e (4) Eu simplesmente acredito, cada qual composto de diferentes motivadores. Além de considerar a interdependência entre eles, os resultados podem contribuir para a atuação de organizações que buscam parcerias para desenvolver atividades de responsabilidade social, alinhando os projetos conforme os perfis de cada organização.	<a href="http://www.spell.org.br/documentos/ver/55335/deixe-me-ver-como-ager-e-te-direi-quem-es-perfis-de-organizacoes-sustentaveis-1/pt-br">http://www.spell.org.br/documentos/ver/55335/deixe-me-ver-como-ager-e-te-direi-quem-es-perfis-de-organizacoes-sustentaveis-1/pt-br</a>

Figura 1. Elaborado pelo autor.

### 3.5. Limitações do Método

A limitação da pesquisa bibliográfica é de não ter um contato direto com o agente ao qual se estuda, estudo este que não pode ser realizado devido ao momento de pandemia que o mundo está vivenciando e consecutivamente, impossibilita a compreensão do cotidiano ao qual a empresa privada tem atuação. Outra limitação da pesquisa descritiva é a dificuldade na assertividade das conclusões da pesquisa.

Além disso, podemos salientar a limitação da falta de neutralidade do pesquisador na análise de conteúdo. Mozzato e Grybovski (2011) evidenciam uma limitação inferida dos pesquisados nas inferências do pesquisador nas etapas.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1. Ferramentas Corporativas das Empresas em Geral

Nesse tópico, serão abordados os resultados de 9 artigos científicos que de maneira aleatória, obteve-se o número somatório total de 787 empresas não nomeadas de vários setores da economia e com algumas informações das organizações que serão apresentados a seguir, que contribuirão numa interpretação geral da sustentabilidade nas empresas privadas brasileiras.

Os primeiros resultados do primeiro artigo analisado, segundo Vanalle e Santos (2014) se referem à sustentabilidade na cadeia de suprimentos no setor automotivo, evidenciando que aproximadamente 2/3 das empresas do ramo possuem certificações de gestão ambiental (ISO 14001), que corresponde à redução e controle das substâncias perigosas e tóxicas nos produtos, o atendimento das normas da legislação ambiental e a inserção dos fornecedores no desenvolvimento na produção para criar produtos mais limpos e enxutos (*ecodesign*) e também na diminuição da geração de águas residuais e dos acidentes ambientais dos fornecedores. Porém, o fator notório é que as pressões sociais foram consideradas menos importantes para as empresas na prática de sustentabilidade, no que se refere às práticas vinculadas à cooperação dos clientes na inserção dos requisitos ambientais e pressões da sociedade (VANALLE; SANTOS, 2014).

De maneira concomitante aos fatos, segundo a fundamentação teórica deste estudo, Calixto (2010) detalha o quão são importantes as pressões sociais para a mudança de paradigma nas empresas e o quanto são capazes de gerarem investimentos e mudanças para as causas ambientais e para, além disso, Argenti (2014) pondera que sem as mudanças e repressão social cabíveis, os métodos das organizações de obterem lucros podem desencadear em futuros desastres ambientais, consequência da lógica racionalista das empresas.

Outros resultados obtidos no segundo artigo, Costa et. al. (2016) cita 44 empresas listadas na BM&FBovespa que possuem alto impacto no meio ambiente segundo a lei nº 10.165 (2000), sendo de vários segmentos como Artefatos de Cobre, Siderurgia, Papel e Celulose, Transporte Ferroviário, Petroquímicos, entre outros. No qual foi explicitado o crescimento de divulgação de informações ambientais pelas

empresas em 3 anos (2011 à 2013) e também na diminuição gradativa das informações financeiras e ambientais nos balanços patrimoniais das empresas. Além disso, são verificáveis as crescentes preocupações com a sustentabilidade e o reflorestamento/floresta das empresas nos relatórios de administração segundo os autores do artigo, como respostas às intimidações sociais e as partes interessadas e também quanto a inserção nos relatórios sobre as práticas e políticas ambientais atuais e futuras concomitante a passivos/provisões verificados nos balanços patrimoniais, no qual os autores destacam a postura isomórfica de algumas empresas quanto às práticas ambientais descritas nos relatórios e balanços (COSTA et. al., 2016).

De acordo com a fundamentação teórica, Garrido e Saltorato (2015) detalham sobre a incorporação de elementos legitimados na sociedade pelas empresas, objetivando a maximização de lucros e legitimidade e que quando as práticas são analisadas a fundo, verifica-se apenas uma busca de eficiência simbólica visando à boa reputação social e que geram uma relação positiva para as empresas entre o isomorfismo e a exibição das práticas ambientalmente sustentáveis.

Ambos os resultados dos dois artigos analisados, vão de encontro com o entendimento de Quelhas, Alledi Filho e Meirinô (2007), que responsabiliza a sociedade para que as organizações mantenham ações que beneficiem o meio ambiente e que busque cada vez mais processos produtivos desprovidos de danos ambientais, tendo essa visão de acordo com o conceito de desenvolvimento sustentável da ONU (1992), no qual as ações não comprometam a subsistência do uso dos recursos naturais das futuras gerações. Porém, de maneira contraditória, Argenti (2014) critica a maneira indevida e ilegal das empresas obterem lucro através da degradação e poluição ambiental.

Os resultados seguintes do terceiro artigo, para Santos et. al. (2019) são representados por cinco empresas de grande porte distintas, que desenvolvem políticas de sustentabilidade empresarial e que possuem diferentes setores de atuação. No qual foram identificados quatro perfis de empresas, segundo Santos et. al. (2019): 1) “Sou Responsável e Quero que Saibam” – as que são motivadas pela reputação interna e externa e o desejo de ser reconhecida pela sua orientação para sustentabilidade; 2) “Somente a Minha Imagem Importa” – perfil este voltado para os

fatores externos (legislação, reputação e partes interessadas), no qual trata apenas de situações e problemas de sustentabilidade que afetem a imagem empresarial; 3) “Busco Vantagem Competitiva” – configura as empresas que possuem a alta gestão comprometida com os problemas ambientais nos valores organizacionais, mas que se objetiva a vantagem competitiva através de inovações para a redução de custos; e 4) “Eu Simplesmente Acredito” – este perfil está voltado para os fatores internos e que possuem motivação excedente com as iniciativas sustentáveis, pois possui práticas sustentáveis que vão além do retorno financeiro da empresa, no qual fomenta valores ambientais para a sociedade, no qual o autor do artigo analisado chegou nesses quatro perfis por meio de entrevistas em cinco empresas (SANTOS et. al., 2019).

Com relação a fundamentação teórica deste estudo, Garrido e Saltorato (2015) pontuam sobre a utilização do tema da sustentabilidade ambiental para alavancar os ganhos de legitimação com a sociedade, no qual o aprimoramento das práticas sustentáveis traga não somente benefícios ao meio ambiente, mas também a reputação perante a sociedade.

Outra apuração das ferramentas corporativas do quarto artigo analisado, segundo Chirolí et. al. (2015) são voltadas a sustentabilidade e da utilização do SGA, voltou-se para treze empresas do ramo de construção civil, no qual a maioria das empresas (70%) alega ter a certificação ambiental da Caixa Econômica Federal de desenvolvimento urbano com sustentabilidade através da Ação Madeira Legal, que tem a preocupação com o desmatamento das florestas nativas, do qual dessas empresas, 89% possuem nível máximo de certificação (Nível A – maior qualidade e foco na melhoria contínua), evidenciando a preocupação das empresas com a melhoria da qualidade e modernização (CHIROLI et. al., 2015). Contudo, os resultados verificados do artigo analisado, evidenciaram ainda que somente 46% das empresas possuem o certificado ISO 9001 de gestão ambiental, sendo que 66% dessas empresas adquiriram a certificação a menos de três anos e nenhuma possui o certificado 14001 mesmo que 69% delas possuam um SGA, mostrando que a preocupação ambiental é recente nesse setor, mesmo que a maioria considere o alto impacto da construção civil no meio ambiente (CHIROLI et. al., 2015).

De acordo com a fundamentação teórica, Delmas (2002) argumenta que a utilização das certificações ambientais e de um SGA são cruciais, pois assim, as

empresas são capazes de reduzir os impactos ambientais provenientes das atividades produtivas.

Corroborando com os resultados anteriores, segundo Stern (1993) é verificável as externalidades ambientais prejudiciais das corporações devido à competição do mercado, que geram políticas antiambientais de recompensas para as empresas que mais usurpam e torna os recursos naturais como moeda de troca de forma insustentável e a somatória dessas ações ao longo dos anos têm contribuído para o aumento de desastres ambientais referentes ao clima, colocando em cheque a fragilidade humana (IPCC, 2018). Petrili et. al. (2019) considera de suma importância a criação de certificações, relatórios e balanços ambientais que configuram na crescente mudança das práticas e posicionamentos organizacionais pautados na sustentabilidade, que são capazes de gerar a legitimidade social.

Outros dados coletados do quinto artigo, segundo Guerrazzi e Assan (2017) se referem às propostas e contratos de empresas com a Empresa Biotech Ambiental, que possui 22 anos no mercado em consultoria ambiental correspondendo ao Tratamento, Gestão, Licenciamento, Laudos e Diagnósticos Ambientais nas empresas dos setores de transporte, energia, governamental, agrícola, industrial, construção e serviços. Dessa forma, foi verificada a evolução dos serviços ambientais prestados pelas empresas, no qual saíram de um trabalho mais braçal e rústico de tratamento ambiental para um trabalho mais técnico e tecnológico, além também de uma gestão ambiental mais focada nas certificações e protocolos ambientais devido às pressões e obrigatoriedade da legislação ambiental e exigência do mercado. Dessa maneira, verifica-se que a contratação de uma consultoria ambiental tem vieses isomórficos pautados na pressão das empresas por legislação ou pelo mercado (MEIRA; GUERRAZZI; ASSAN, 2017).

Perante esses resultados relacionados a fundamentação teórica, a ONU (1987) pondera no Relatório de Brundtland sobre a importância de um desenvolvimento pautado em um progresso sustentável a longo prazo, capazes de evitar desastres ambientais exorbitantes como os ocorridos no século 21 devido o desequilíbrio econômico mundial (IPCC, 2018) e sobre a importância de que hajam mudanças que influenciam as estratégias e comportamentos das empresas através das pressões institucionais e sociais (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2008).

Os resultados seguintes foram obtidos no sexto artigo, no qual Ribeiro e Corrêa (2020) fizeram o levantamento dos relatórios de sustentabilidade de 263 empresas brasileiras que constavam no ISE da Bovespa de 2016, sendo 31 delas com relatórios nas conformidades do GRI. Observa-se que no Brasil há um crescimento significativo de adesão das empresas brasileiras do ISE quanto ao modelo GRI, atribuído à tendência internacional na adesão e desenvolvimento dos relatórios de sustentabilidade, no qual tem adequado o questionário do ISE aos indicadores da GRI. Quanto à evolução do Relatório da GRI e da aplicabilidade, houve um crescimento relevante de adoção das empresas brasileiras, apresentando relatórios de sustentabilidade mais completos (RIBEIRO; CORRÊA, 2020).

Nesse contexto relacionado com a fundamentação teórica, Domenico, Tormem e Mazzioni (2017) corroboram a importância dos Relatórios da GRI quanto à capilarização e evolução das práticas e informações ambientais, no qual os indicadores da sustentabilidade norteiam as ações e estratégias das empresas.

No que tange a essas mudanças empresariais e pressões sociais, têm moldado o ambiente político e social das organizações para além do lucro (CALLENBACH et. al., 1993), no qual Donaire (1999) argumenta sobre a tendência da extinção das práticas irresponsáveis ambientalmente fomentadas pelo livre mercado, devido a adequação às exigências dos novos mercados e clientes e concomitante a isso, Claro, Claro e Amâncio (2008) relatam sobre as mudanças também na filosofia da sustentabilidade ambiental nas organizações, que influenciam diretamente nas mudanças do posicionamento e prática empresarial.

Duas empresas do setor gráfico da Paraíba há mais de 30 anos, fazem parte dos resultados do sétimo artigo analisado, que segundo os autores Diniz e Callado (2017) referem-se às informações e práticas ambientalmente sustentáveis, as empresas possuem uma administração familiar e também representam o setor gráfico do Estado. No qual a primeira empresa demonstra desenvolver práticas ambientais como: separação das sobras de papéis para reciclagem; tem uma Estação de Tratamento de Efluentes (ETE) responsável por tratar os resíduos líquidos advindos das máquinas; tem a certificação do selo Forestry Stewardship Council (FSC), que certifica o uso de papéis de madeiras retiradas de florestas de uma área de reflorestamento, seguindo os princípios do desenvolvimento sustentável;



treinamentos e capacitação em questões ambientais como coleta seletiva e palestras sobre sustentabilidade; e a prática de monitoramento e controle dos resíduos tóxicos gerados da produção, sendo encaminhados para uma empresa contratada que é especializada no descarte correto, sem danos ao meio ambiente (DINIZ; CALLADO, 2017).

Por conseguinte e ainda sobre o sétimo artigo, a segunda empresa também possui a certificação FSC que informa a utilização de papéis de madeiras provenientes de florestas reflorestadas, além de investimentos em reciclagem e em treinamentos e capacitação que promove semanas educativas com fins de conscientização e práticas sobre sustentabilidade, além de máquinas com tecnologia limpas (dispensa o uso de produtos químicos) no qual causam menos impacto ambiental, ações de gerenciamento dos resíduos (e tóxicos) no uso de tintas à base de óleos vegetais com o objetivo de diminuir a poluição do ar e do solo. Porém, mesmo com essas ações as duas empresas não apresentam desempenhos satisfatórios na dimensão ambiental do Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS), sendo abaixo do Escore Médio (DINIZ; CALLADO, 2017).

Ponderando os pontos ambientais insatisfatórios da fundamentação teórica, Jabbour (2015) argumenta sobre a relação direta entre as práticas ambientalmente sustentáveis das empresas com o nível de involução da sua estratégia ambiental, no qual são capazes de gerar problemas ambientais de grandes proporções e complexidades (MOURA, 2016).

Outros resultados levantados do oitavo artigo analisado, segundo os autores Cardoso e Leme (2011) foram obtidos através dos relatórios de sustentabilidade de 31 empresas brasileiras líderes em publicação dessas informações, os resultados passaram por uma análise da qualidade dos relatórios e também visam incentivar a prática de informações em outras empresas. Foi verificado que a média de páginas nos relatórios equivale a 128 páginas, mas a maioria dos relatórios tem o objetivo de prestar informações ambientais sem visar o desempenho econômico, mas o excesso de páginas pode inviabilizar uma leitura dinâmica e rápida do público, além disso, na maioria dos sites institucionais não possuem informações ambientais complementares aos relatórios e apenas a minoria informam sobre as ações ambientais sem vinculação ou visando o resultado econômico. As ações ambientais voltadas aos resultados

financeiros estão ligadas à reciclagem, comercialização de resíduos e redução do consumo de energia (CARDOSO; LEMME, 2011).

Esse resultado reverbera com o entendimento da fundamentação teórica de Barbieri (2007) de que as empresas buscam atualmente minimizar seus impactos ambientais, mas que desde a era industrial em somatória já ocasionaram em muitos problemas ambientais que vai de desmatamento à poluição em geral.

Os últimos resultados desse tópico se dão através do nono artigo analisado, sendo uma pesquisa de Oliveira, Correia e Gomez (2016) sobre de que maneira as empresas em geral podem contribuir em atividades de consumo pautadas na sustentabilidade, quando estas possuem um papel-chave na discussão sobre a sustentabilidade do consumo, capazes de gerar mudanças de paradigmas que transforme o consumo a fim de contribuir com o meio ambiente. Algumas dessas maneiras são o aperfeiçoamento e melhoria de tecnologia e práticas pautadas nas questões ambientais, que forneçam uma maneira sustentável de uso de recursos naturais e que reduzam as externalidades negativas ao meio ambiente. Outra alternativa está correlacionada a mudanças dos estimuladores economicistas na produção e consumo, nos valores de negócios, no qual reconfigure toda a cadeia produtiva e de valor a fim de gerar ganhos ao meio ambiente e além disso, partilhar de uma cultura que se engaje nos diálogos com objetivo de compreender as reivindicações sociais e ambientais (OLIVEIRA; CORREIA; GOMEZ, 2016).

Dessa forma baseado na fundamentação teórica, Barbieri et. al. (2010) reafirma a importância desses novos modelos de negócios sustentáveis mais compatíveis com as expectativas ambientais, pois está atribuída diretamente com os aspectos de uma sociedade contemporânea mais ambientalmente responsável.

Portanto, a compreensão desses resultados coletados das empresas por Proops et. al. (1997) está relacionado às práticas sustentáveis no qual eleva a sociedade ao patamar sustentável com a devida coerção social sobre as ações empresariais e do Estado no qual as favorecem (BORGES et. al., 2017), objetivando se estabelecer como um elo regulador das classes econômicas dominantes, tratando-se de um avanço assíduo à sustentabilidade capaz de gerar mudanças de padrões de produção. Agora que vimos sobre as ferramentas corporativas das empresas

brasileiras em geral relacionadas diretamente com a sustentabilidade, vamos tratar das empresas específicas no próximo tópico deste estudo.

#### **4.2. Ferramentas Corporativas das Empresas Específicas**

Após fazer uma análise dos 20 artigos totais selecionados para o estudo, voltou-se para 11 artigos que se referem às ferramentas corporativas de empresas específicas voltadas a sustentabilidade, tendo como somatória aleatória (com números diferentes de empresas em cada artigo) o número de 17 empresas especificadas com suas respectivas razões sociais (nome da empresa) e características empresariais e de seus respectivos mercados que estão inseridas.

No primeiro e segundo artigos analisados dessa seção, os autores Lima, Saltarelli e Silva (2020) e Rech (2019) respectivamente, apresentam o caso das empresas do ramo de cosméticos brasileiro, em que possui três grandes líderes de mercados em 2020 (Avon, Boticário e Natura), no qual são responsáveis pela maior parte da produção e venda de cosméticos e produtos de higiene pessoal no Brasil (FORBES, 2020). Essas marcas têm se comprometido com a sociedade quanto à sustentabilidade em suas ferramentas corporativas disponibilizadas no mercado através das mídias, propaganda e publicidade, no qual muitas das vezes estão entrelaçados às estratégias de responsabilidade ambiental e a maneira como são fabricados seus produtos (LIMA; SALTARELLI; SILVA, 2020).

Nesse quesito com relação à fundamentação teórica, Lara e Oliveira (2017) salientam sobre a importância de se atentar a comunicação empresarial no sentido enobrecedor das ações compensatórias aos impactos ambientais gerados, sem compreender a magnitude dos danos irreversíveis que vão além das instalações das corporações.

Ainda sobre os resultados apresentados pelos autores Lima, Saltarelli e Silva (2020) foram evidenciados que a Natura possui uma linha de produtos (Ekos) que demonstra essa preocupação ambiental, tendo nesta linha de produto, um apelo às questões de sustentabilidade e natureza, e também no uso de uma logística sustentável (NATURA, 2018). Já a Avon, posiciona-se na campanha “Viva o Amanhã mais Verde”, visando à promoção da restauração de áreas desflorestadas e a redução de gases de efeito estufa decorrentes da atividade logística. O Boticário criou a

Fundação “O Boticário de Proteção à Natureza”, direcionando o foco da sustentabilidade da empresa para a conservação e proteção do ecossistema e das espécies, além disso, com o destaque a logística reversa (RECH, 2019). As empresas utilizam a natureza como pano de fundo das comunicações publicitárias, propagandas e anúncios, a fim de remeter a preocupação com o meio ambiente e o respeito à natureza quanto ao uso das matérias-primas naturais. E dessa maneira, ascendem à legitimação mercadológica incorporando-se de prêmios, títulos e certificações nacionais e internacionais, no qual as empresas se utilizam para divulgar amplamente aos consumidores e investidores (LIMA; SALTARELLI; SILVA, 2020).

Conforme essas mudanças no planejamento estratégico e programas de apoio às causas e manutenção do meio ambiente correlacionado a fundamentação teórica, Borges et. al. (2017) salienta que para o alcance aceitável da sustentabilidade entre as ações empresariais e o meio ambiente, é necessário o planejamento e reconhecimento das organizações e sociedade quanto à esgotabilidade dos recursos naturais, no qual o desenvolvimento econômico esteja comprometido de forma inexorável ao uso limitado e sustentável do meio ambiente, tendo em vista que a sustentabilidade se trata da questão ética, moral e social. Japiassú e Guerra (2017) complementam que esse reconhecimento venha de maneira que compreenda o meio ambiente não somente como a soma dos recursos naturais a serem explorados, mas como um bem maior de importância para o suporte à vida no planeta.

Os resultados encontrados no terceiro artigo dos autores Munaretto, Aguiar e Vieira (2017) se referem às práticas e ferramentas ambientalmente sustentáveis em uma empresa do setor mecânico com atividades iniciada em 2003, responsável pela fabricação de vários tipos de caixas metálicas e acessórios para a instalação de medidores elétricos, foram quanto ao destino correto e sustentável do hidróxido de sódio ou soda cáustica (tóxico para o ser humano e meio ambiente), de chapas de ferro e de papéis e vidros, sendo todos esses revendidos para fins reutilizáveis. Além disso, a empresa utiliza telhas translúcidas na cobertura para favorecer ao uso da luz solar no ambiente e no uso de cisternas para a coleta de água da chuva, no qual utiliza a água captada para o processo de produção, nos banheiros e limpeza dos pisos. Estas práticas são caracterizadas por fatores da redução de custos e despesas, atender à legislação ambiental e a pressão dos fornecedores e clientes pelas práticas ambientalmente sustentáveis (MUNARETTO; AGUIAR; VIEIRA, 2017).

Essas ações empresariais vão de consonância ao que Leff (2002) propõe na fundamentação teórica, sobre a mudança de modelo de produção e consumo, a fim de resolver problemas ambientais e não se objetivando apenas ao enfoque econômico.

Quanto os resultados do quarto artigo dos autores Salles et. al. (2018) se volta à empresa brasileira Mercur, fundada em 1954, tendo atuação em todo Brasil e em países da América do Sul, em que suas atividades são variadas e voltadas à produção de alguns materiais escolares, bolsa térmica, atadura elástica, bengalas etc. A empresa a partir de 2007 optou pela mudança de gestão, compreendendo a importância de uma gestão pró-sustentabilidade, no qual modificou e redesenhou o modelo de gestão e no posicionamento, sendo levada em conta a educação ambiental através de parcerias com instituições de educação socioambiental continuada, além disso, na mudança da estrutura organizacional, gerando um achatamento da hierarquia da empresa (SALLES et. al., 2018).

De acordo com a fundamentação teórica, Claro, Claro e Amâncio (2008) salientam sobre a dificuldade das empresas em associar suas ferramentas corporativas a uma definição completa voltada a uma estratégia de sustentabilidade, no qual contribuiria no bem-estar social e na preservação do meio ambiente. E concomitante a isso, Alves (2017) e Salles et. al. (2018), destacam a importância da gestão pró-sustentabilidade como uma vantagem para a competição da empresa no mercado.

Na vertente mais crítica da associação entre as práticas ambientais das empresas interligadas a redução de custos e despesas e de vantagem competitiva nos resultados anteriormente apresentados, Claro, Claro e Amâncio (2008) observam sobre o interesse da alta gestão das empresas nas questões ambientais, capazes de proporcionar grandes oportunidades de fazer negócios lucrativos, no qual se beneficiem e gozem da legitimidade social e da vantagem competitiva advindas das ações ambientais (GARRIDO; SALTORATO, 2015) e que, portanto, podem ir de encontro ou não com as estratégias, missão e visão da organização de atender as necessidades socioambientais (GATI, 2015).

Quanto aos resultados coletados do quinto artigo, os autores Davies e Silva (2019) apresentam a empresa KNX Plástico e Alumínio, localizada no Paraná e com 16 anos no mercado, tem suas atividades voltadas à prestação de serviços em injeção

de plástico e alumínio para a indústria, construção civil, peças automotivas etc. A empresa reaproveita quase 100% da injeção de plástico e alumínio, além de refugos e galhos de peças, em que algumas sobras são transformadas em matéria-prima nova. Quanto à água, não é descartada, mas usada nas máquinas e na questão das sobras de latas de óleo e embalagens de sacos plásticos, são destinadas a empresas certificadas responsáveis pela reciclagem e dessa maneira, evitando impactos ambientais daninhos (DAVIES; SILVA, 2019). Na visão dos autores Davies e Silva (2019) é de suma importância verificar as ações empresariais quanto às práticas e teorias de sustentabilidade e sobre a valorização das empresas como a KNX, que tem feito sua parte quanto às questões ambientais nos processos, planos e missões, diferenciando-se de muitas empresas onde não são colocadas em prática.

De acordo com a fundamentação teórica, Alves (2017) reitera que para além da preocupação ambiental, as empresas transformam as ações ambientais numa maneira de obter lucros por meio do uso do *marketing* ambiental, capaz de obter ganhos à imagem empresarial e conquistar a legitimação da empresa como ambientalmente responsável para investidores e clientes.

Outros resultados coletados do sexto artigo, os autores Froehlich e Bittencourt (2016) se referem à empresa Arteccla, com a matriz localizada no Rio Grande do Sul e com 20 instalações industriais no Brasil e no exterior, sendo responsável pela produção de adesivos e laminados para diversos mercados, calçados de segurança e MVC, voltado para a produção de soluções em plásticos de engenharias. Quanto à visão e missão da empresa, o valor de sustentabilidade está entrelaçado, visando o respeito ao meio ambiente como legado (Arteccla, 2015) e segundo os autores Froehlich e Bittencourt (2016), a importância da sustentabilidade é notória pelas práticas da empresa com a política ambiental através do SGA e da certificação ISO 14001, sendo um conjunto de procedimentos no processo produtivo para um melhor relacionamento da empresa com a preservação do meio ambiente. Além disso, os autores destacam sobre as práticas sustentáveis da Arteccla de desenvolver produtos a partir de materiais descartados, sobre a conscientização dos funcionários por meio de campanhas e fóruns e da campanha em 2013 – “DNA Meio Ambiente – Juntos para Fazer Melhor”, reforçando o SGA.

Visto na fundamentação teórica deste estudo, o SGA é altamente necessário no processo produtivo empresarial sustentável, a fim de mapear os impactos ambientais e o nível de maturidade ambiental da empresa é baseada na evolução do seu SGA (DELMAS, 2002; JABBOUR, 2015).

As ferramentas corporativas relatadas pelas empresas vão de acordo com o entendimento de Barbieri et. al. (2010) no qual o supracitado tem se intensificado nas três últimas décadas, devido às pressões sociais e governamentais globais, que requerem posicionamentos e diretrizes empresariais pautadas em modelos sustentáveis. A partir disso, as empresas têm se voltado para as pressões sociais de maneira a atendê-los e objetivando ao interesse pela legitimação da organização como ambientalmente sustentável (BRANDT; KLANN, 2019).

O sétimo artigo dos autores Santos, Walter e Bertolini (2019) e que passou pela análise de conteúdo de Franco (2013), refere-se a uma Cooperativa Agropecuária localizada no Paraná e atuante em 5 estados do Sul e Centro-Oeste do Brasil e no Paraguai, a cooperativa é responsável pela produção de soja, milho, trigo, leite, suínos, frango, mandioca e rações, dividida em 142 unidades de negócios. Os resultados coletados são referentes às práticas de sustentabilidade ambiental pela perspectiva *Triple Bottom Line*, sendo a priorização da redução e otimização do uso dos recursos naturais, a promoção do desenvolvimento ambiental e a recuperação e preservação ambiental (SANTOS; WALTER; BERTOLINI, 2019).

Quanto às ferramentas corporativas voltadas a sustentabilidade, ou seja, as práticas ambientais em específico são: recuperação de matas ciliares, reflorestamento, destinação correta dos resíduos e reciclagem, plantio direto com foco no desassoreamento dos rios e na diminuição da erosão do solo, propiciar a conscientização dos funcionários quanto ao uso consciente da água e a redução de 70% do consumo de energia pelo uso de refletores de LED, além disso, o controle dos agroquímicos e utilização de métodos e equipamentos que garantam o bem-estar do animal e meio ambiente (SANTOS; WALTER; BERTOLINI, 2019).

Na fundamentação teórica, explica-se que a aplicabilidade correta do *TBL* é capaz de equilibrar os resultados ambientais, sociais e econômicos de forma objetiva, no qual os resultados sustentáveis são pensados no longo prazo e concomitantemente, acarreta na longevidade da sobrevivência da empresa pela aceitação gerada na

sociedade de seus processos e produtos (NORMAN; MACDONALD, 2004; MACHADO; OTT, 2015).

Para os resultados do oitavo artigo analisado, dos autores Mazo e Pampolini (2015) são referentes a uma indústria do setor de panificação iniciada na década de 1990 e encarregada da produção e venda de pães congelados para empresas em Curitiba, foram analisados os dados referentes ao uso do método GAIA<sup>2</sup> pela empresa, para o estabelecimento do índice de sustentabilidade na mesma. Quanto ao resultado do cálculo do índice de sustentabilidade, chegou-se ao resultado de 74,62% de ações praticadas pela empresa, tendo destaque positivo para a produção limpa no qual o nível de poluição é menor que os padrões legais. O impacto negativo ao meio ambiente está relacionado ao consumo excessivo de água e energia elétrica no processo produtivo e as oportunidades para a melhoria da sustentabilidade na empresa foram: Melhor aproveitamento e captação da água e da luz solar e a reciclagem das embalagens de farinha de trigo (MAZO; PAMPOLINI, 2015).

Com relação a fundamentação teórica, esse movimento de preocupação da empresa quanto à adequação com as políticas ambientais é condizente com as mudanças sociais que implicaram no ambiente de atuação das empresas, no qual a sociedade impõe novas perspectivas além do lucro, evidenciando uma tendência de extinção da visão economicista em prol de uma responsabilidade ambiental, que só são alcançadas com a mudança de paradigma de consumo e de uso dos recursos naturais (CALLENBACH et. al., 1993; PROOPS et. al., 1997; DONAIRE, 1999).

Nesse contexto da aplicabilidade do TBL e do método GAIA nas empresas, Delmas (2002) salienta sobre a relevância desses instrumentos para o gerenciamento dos riscos e danos ambientais nos processos produtivos das empresas e que tais maquinários e processos produtivos estejam de acordo com os anseios sociais e ambientais, no que tange a sobrevivência e posicionamento organizacional (MACHADO; OTT, 2015). Contudo, Wanner (2015) desaprova o apossamento das críticas e pressões sociais pelas empresas, no que correspondem às ferramentas

---

<sup>2</sup> Gerenciamento de Aspectos e Impactos Ambientais (GAIA) é um método utilizado nas organizações para mensurar a sustentabilidade através de alguns indicadores, a fim de mapear os impactos das suas atividades no meio ambiente e das ações corretivas que possivelmente tenham que ser tomadas (MAZO; PAMPOLINI, 2015).



corporativas sustentáveis para fins mercadológicos lucrativos e não para o meio ambiente.

Os resultados obtidos do nono artigo e analisados com a análise de conteúdo de Franco (2013) dos autores Mascarenhas e Silva (2013), são referentes a três indústrias brasileiras produtoras de óleo comestível para o mercado nacional por intermédio das estratégias relacionadas ao TBL. A firma 1 é produtora de óleo de soja, a firma 2 produz óleo de algodão e a firma 3 é representante produtiva de óleo de palma, tendo suas matrizes na região Sudeste, Nordeste e Nordeste e Norte do país, respectivamente. Quanto aos resultados da firma 1, a empresa não possui nenhuma política de reciclagem e reutilização dos resíduos por uma logística reversa e não pretende abarcar nessa logística de óleos saturados em seu planejamento estratégico para uma futura vantagem competitiva, somente se preocupando com o retorno das embalagens (pós-consumo) e ao uso de embalagens PET com 2,5 gramas menos plásticos (MASCARENHAS; SILVA, 2013).

Entretanto a firma 1 possui a comunicação de valor de negócio sustentável em sua missão com foco na geração do valor percebido, no qual se mostra consciente das questões ambientais e engajada na redução da emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE), na redução do uso de diesel e de energia elétrica, pelo não uso das áreas desmatadas da Amazônia no plantio de soja e pela mudança de combustível para o biocombustível do bagaço de cana de açúcar nos aviões, porém não pretende utilizar o óleo saturado provenientes da produção, para a transformação em biocombustível de acordo com as soluções sustentáveis. Na firma 2, é verificável que a empresa não possui práticas de reaproveitamento de resíduos sólidos e de logística reversa, porém a missão empresarial é pautada no desenvolvimento sustentável, além disso, demonstra preocupação na recuperação do rio São Francisco devido a sua utilização para o escoamento dos seus produtos e pela fauna e flora presentes (MASCARENHAS; SILVA, 2013).

Os resultados da firma 3, segundo Mascarenhas e Silva (2013), são referentes a não utilização da logística reversa do óleo e gordura de palma saturados, mas faz o reaproveitamento dos resíduos sólidos (casca e fibra da amêndoa) que são reutilizados como adubo orgânico e na geração de energia, o que reafirma parte da missão da empresa quanto a garantia do desenvolvimento sustentável do negócio.

Porém, diferenciando-se das demais empresas, a firma 3 evidencia sua preocupação e atividades com as questões ambientais de preservação desde a década de 90 junto a parcerias com ONG's, no qual explicita seus compromissos em ter o controle de todo o processo produtivo até a entrega, com o objetivo de diminuir a poluição e os impactos ambientais e além disso, a empresa possui parceria com a USP através de um programa de controle ambiental de fauna nos arredores da organização, tendo conquistado em 2012 o selo RSPO<sup>3</sup> de sustentabilidade internacional.

Os autores do artigo Mascarenhas e Silva (2013), concluem ainda a respeito das três indústrias nacionais citadas anteriormente, que se deve atentar aos anseios das empresas sobre as práticas ambientalmente sustentáveis adotadas com o objetivo de se autopromover com um *marketing* sustentável visando o crescimento econômico e no atendimento das exigências do mercado, além disso, citam a preterição das mesmas quanto à logística reversa no planejamento estratégico futuramente.

Esses posicionamentos empresariais vão a desacordo com o entendimento da fundamentação teórica, sobre a redefinição da missão e estratégias empresariais que sejam benéficas ao meio ambiente (GATI, 2015), pois as empresas têm se utilizado das questões ambientais para alcançar a legitimidade e posteriormente vantagem competitiva e que resultam em ganhos puramente econômicos (GARRIDO; SALTORATO, 2015).

Ponderando as questões referentes à maneira pela qual as empresas usam das ferramentas corporativas para ocultar a realidade para perpetuar suas práticas daninhas, Norman e Macdonald (2004) entendem que os resultados nada mais são do que uma questão de princípios na utilização do modelo TBL, que podem acarretar ganhos econômicos a longo prazo e não como o único e exclusivo objetivo. Em contrapartida, Nascimento et. al. (2020) demonstra alguns dos feitos e comprometimentos das empresas quanto aos *rankings* que vangloriam as organizações mais sustentáveis e com as melhores práticas socioambientais nas revistas nacionais, responsável pela comunicação à sociedade com as informações coletados do mercado e da empresa. Todavia, essa ferramenta já foi explicada

---

<sup>3</sup> Mesa Redonda sobre Óleo de Palma Sustentável (do Inglês Round Table on Sustainable Palm Oil) (MASCARENHAS; SILVA, 2013)

anteriormente pelos autores Czinkota, Kaufmann e Basil (2014), tratando-se de estratégias de comunicação capazes de alcançar poderes políticos/sociais e legitimação, sem minimamente precisar possuir práticas ambientalmente sustentáveis.

O penúltimo resultado coletado do décimo artigo desse tópico apresentados pelos autores Silva, Stefano e Chiusoli (2020), refere-se a uma empresa de participações e investimentos iniciada em 1999, sendo uma das principais do setor de infraestrutura no país, de serviços que vão de administração de aeroportos e portuária, a geração de energia, até usinas de asfalto, entre outros. A empresa teve grandes investimentos em programas ambientais em 2013 e 2016 – por exigências legais do Ibama – segundo os seus relatórios anuais, no qual ainda afirma possuir diversos programas (como o Guarda Parque Mirim) de defesa e preservação ambiental com objetivo de minimizar os impactos ambientais advindas da sua atividade empresarial (SILVA; STEFANO; CHIUSOLI, 2020).

Dessa maneira os autores Araújo (2016) e Dias (2011) da fundamentação teórica, detalham que as empresas estão sendo cada vez mais pressionadas quanto à reestruturação das suas relações econômicas no mundo no qual seja benéfico para a manutenção do meio ambiente e das responsabilidades no seu planejamento estratégico para com a sociedade e meio ambiente, tendo em vista que são as principais causadoras dos problemas ambientais atualmente.

Quantos aos últimos resultados coletados do décimo primeiro artigo do autor Soares (2017) e através de análise de conteúdo (FRANCO, 2013), foram encontrados os dados de quatro empresas (Grupo Pão de Açúcar, Walmart Brasil, Iveco e Atlas Transportes & Logística) em Centros de Distribuição (CDs) sustentáveis no Brasil. O Grupo Pão de Açúcar inaugurou em 2010 um Centro de Distribuição Verde em Brasília, investindo R\$ 75 milhões que agregou no aumento de 105% de capacidade de armazenamento, o Walmart Brasil inaugurou em 2009 e investiu R\$ 90 milhões, a Iveco inaugurou o CD em 2010 e investiu R\$ 10 milhões e a Atlas Transportes & Logística inaugurou em 2009, com investimento de R\$ 10 milhões. Os resultados evidenciaram que as estratégias das empresas estiveram de acordo com o meio ambiente em torno dos empreendimentos, sendo respeitado nas construções. A utilização de pavimentação permeável pelas empresas que facilitam a infiltração da

água no solo em exceto da empresa Atlas, a edificação com implantação e estrutura sustentável no qual são realizadas as atividades empresariais, a aplicabilidade de estratégias para a diminuição de emissão de gases e do uso energia (uso de luz solar em todas), a captação da luz solar como fonte de energia elétrica em exceto na empresa Iveco e apenas o Pão de Açúcar e Atlas priorizam a ventilação natural no CD, também foram alguns dos resultados observados (SOARES, 2017).

Para o autor Soares (2017), na gestão da água e efluente, deve-se priorizar o reuso, captação de água da chuva e do uso consciente da água no consumo, todos os CDs das empresas adotam medidas para a gestão consciente exceto o CD da empresa Atlas, mas somente o Pão de Açúcar investiu para uma maior eficiência do uso da água dos banheiros. Na gestão de materiais e resíduos da obra, no qual são necessários para não impactar negativamente o meio ambiente com descarte indevido, uso de materiais e insumos poluentes, foi observado que somente o Pão de Açúcar e o Walmart possuem essa política nos seus CDs, no qual prezam pela reutilização de madeira na obra e aplicação de sistema de gestão de resíduos a fim de minimizar os impactos da construção do CD, respectivamente (SOARES, 2017).

No último aspecto sustentável nos CDs está relacionado à reciclagem e o reaproveitamento de materiais e o gerenciamento dos rejeitos advindos da edificação e que impactam diretamente a sobrevivência do meio ambiente no entorno dos CDs, sendo verificadas estas estratégias no Pão de Açúcar, no Walmart e na Iveco, sendo a utilização da coleta seletiva, o sistema de gerenciamento dos resíduos gerados nas atividades e o investimento em uso de caixas provenientes de madeira de reflorestamento, respectivamente (SOARES, 2017).

Nessas questões e mudanças empresariais relacionadas a fundamentação teórica, Claro, Claro e Amâncio salientam sobre a importância da sustentabilidade nas empresas no qual priorizam a redução das externalidades ambientais negativas causadas pelas suas atividades e da relevância de estratégias referente às limitações do uso dos recursos naturais, ponderando a necessidade de não comprometer as gerações futuras com a escassez de recursos (BORGES et. al., 2017).

No quesito das práticas ambientais nas empresas, González-Benito e González-Benito (2005), as reivindicações e pressões sociais, o aprimoramento das práticas e estratégias empresariais e as questões éticas da alta gestão são

fundamentais para a manutenção das práticas sustentáveis, pois além de contribuir na preservação do meio ambiente, tais ações geridas pela alta administração proporcionam também bons frutos em vantagem competitiva às empresas (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2008) . Porém, Lara e Oliveira (2017) pontuam a importância de se atentar as ferramentas empresariais desvinculados as práticas ambientalmente sustentáveis ou apenas com a finalidade de engrandecer ações ambientais que visam apenas reverter os danos ambientais causados pela própria organização.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo proporcionou a averiguação e entendimento abrangente das ferramentas corporativas das empresas privadas brasileiras e a sustentabilidade. Por se tratar de um tema recorrente no meio acadêmico, empresarial e social, as práticas de sustentabilidade nas organizações também são essenciais para a manutenção e preservação da fauna e flora mundial, que têm sofrido inúmeros casos de extinção das espécies animais e *habitats* naturais.

A partir desse contexto, a pesquisa realizada se alicerça em 20 artigos do Portal CAPES e da Biblioteca Eletrônica SPELL, que apresentaram as ferramentas corporativas e a sustentabilidade nas organizações privadas brasileiras, onde demonstrou que algumas dessas ferramentas corporativas apresentam similaridade com os conceitos evidenciados na literatura internacional e nacional e presentes no referencial teórico deste estudo.

Antes de qualquer coisa, o contexto histórico mundial e brasileiro tem apresentado mudanças sociais e ambientais significativas quanto ao desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, porém quando focamos para a visão empresarial encontramos várias ferramentas corporativas sem as devidas ações sustentáveis e é a partir disso, que esse estudo busca investigar o cunho dessas ações organizacionais, conciliadas a comunicação empresarial, as certificações ambientais nacionais e internacionais adquiridas, aos métodos de sustentabilidade empregados (SGA, GAIA, TBL, entre outros) e das carteiras do índice de sustentabilidade empresarial da bolsa de valores, o conhecido ISE.

Em princípio, evidenciou-se que as ferramentas corporativas estão voltadas ao posicionamento no mercado, na maioria com cunho econômico e isomórfico, além disso, verificaram-se também com o objetivo de comunicar sobre as ações ambientais compensatórias em relatórios de sustentabilidade, a comunicação voltadas a manutenção ou garantia da legitimidade social com as questões ambientais e por último, uma pequena parcela das empresas com a comunicação que vão de encontro com as ações ambientalmente sustentáveis, visando o grau de maturidade da sustentabilidade na organização.

Dentre as ações das ferramentas corporativas com a sustentabilidade nas empresas, destacaram-se as ações voltadas para o reparo e neutralização dos danos

causados no meio ambiente entorno das instalações produtivas, como o reflorestamento de florestas ciliares, programas internos de conscientização dos funcionários, a utilização de maquinários menos poluidores entre outros, no qual requerem das empresas investimentos de tempo e dinheiro para pôr em prática tais ações sustentáveis. Há ainda outras ações ambientais de redução do uso de energia elétrica e água, reciclagem e descarte apropriado de sobra de materiais sólidos e/ou tóxicos, consolidação do uso de energia solar e da água para reuso não consumível entre outros, voltadas para uma economia de recursos e conseqüentemente, na diminuição de custos e despesas da empresa.

Em contraste com todas essas ferramentas corporativas e a sustentabilidade, questiona-se o porquê de o Brasil possuir tantas empresas que prezam e zelam pela prosperidade do meio ambiente, mas continuamos a ser o país onde mais desmatam e poluem rios, mares, solos e ar em prol de fatores econômicos e lucrativos? Sendo que a maioria dessas atividades se inicia e finda nas empresas, que continuam a usurpar sem controle dos recursos naturais, mas que ainda se utilizam de ferramentas ambientais positivas e se beneficiam da comunicação empresarial sustentável para obscurecer os seus reais impactos e ações, que são altamente destrutivos no longo prazo, tornando-se irreversíveis para a condição de vida humana no planeta. Se a escolha for os fatores econômicos descontrolados em detrimento do meio ambiente, a raça humana está determinando a sua própria extinção.

Por fim, este estudo demonstra a importância do papel da sociedade e do Estado em pressionar, cobrar e fiscalizar as ferramentas corporativas voltadas à sustentabilidade ou não, em prol do bem comum social e ambiental, pois as mesmas não possuem tal condição para exercer essa responsabilidade ambiental, devido ao aspecto e resultado econômico que se mostra mais preponderante do que o aspecto socioambiental. Além disso, a sociedade é a força motriz principal e necessária para a ruptura do padrão de atuação do governo junto às empresas privadas, no que diz respeito às ações predatórias incentivadas contra o meio ambiente. São necessários ainda, índices e certificações de sustentabilidade mais realista quanto às ações empresariais, a fim de se comprometer e se responsabilizar com a aplicabilidade das ações contundentes com as necessidades para com o meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. **Marketing ambiental: sustentabilidade empresarial e mercado verde**. Barueri, São Paulo; Manole, 2017.

ARAÚJO, Sérgio Murilo. Desenvolvimento Sustentável, Ética E Sustentabilidade Econômica Mundial. Campina Grande: UFCG, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/view/1336/1264>. Acesso em: 13 mar. 2021.

ARGENTI, P. **A comunicação empresarial: a construção da identidade, imagem e reputação**. 6. ed. São Paulo: Campus. 2014.

**Artecola Química**. 2021. Disponível em: <http://www.artecolaquimica.com.br/home>. Acesso em: 06 abr. de 2021.

BANERJEE, S. B. Who sustains whose development? Sustainable development and reinvention of nature. **Organization Studies**, v. 24, n. 1, p. 143-180, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/247734466\\_Who\\_Sustains\\_Whose\\_Development\\_Sustainable\\_Development\\_and\\_the\\_Reinvention\\_of\\_Nature](https://www.researchgate.net/publication/247734466_Who_Sustains_Whose_Development_Sustainable_Development_and_the_Reinvention_of_Nature). Acesso em: 05 jan. 2021.

BARBIERI, J. C. **Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos**. São Paulo: Saraiva, 2007. *E-book*. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303753266\\_Gestao\\_Ambiental\\_Empresaria\\_l\\_conceitos\\_modelos\\_e\\_instrumentos](https://www.researchgate.net/publication/303753266_Gestao_Ambiental_Empresaria_l_conceitos_modelos_e_instrumentos). Acesso em 28 nov. 2020.

BARBIERI, J. C.; et. al. Inovação e sustentabilidade: novos modelos e proposições. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 2, p. 146-154, 2010. Disponível em: <https://rae.fgv.br/rae/vol50-num2-2010/inovacao-sustentabilidade-novos-modelos-proposicoes>. Acesso em 18 abr. 2021.

Brasil em Chamas: do Pantanal à Amazônia, a destruição não respeita fronteiras. Greenpeace, 2020. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/brasil-em-chamas-negando-as-aparencias-e-disfarcando-as-evidencias/>. Acesso em 21 dez. 2020.

BEDER, S. **Global spin: the corporate assault on environmentalism**. Foxhole: Chelsea Green Publishing Company, 2002.

BORGES, A.; LIMA, V.; VASCONCELOS, W.; CRUZ, O. Sustentabilidade Socioambiental: Princípio Fundamental Para A Obtenção Do Desenvolvimento Nacional. **Direito E Desenvolvimento**, V. 6, N. 12, P. 11 - 26, 8 Jun. 2017.

B3. **Produtos – Índices**. 2017. Disponível em <<http://bmfbovespa.com.br>>. Acesso em 08 fev. 2021.

CALLENBACH, E.; CAPRA F.; GOLDMAN L.; LUTZ, R.; MARBURG, S. Gerenciamento ecológico EcoManagement: guia do Instituto Elmwood de Auditoria Ecológica e Negócios Sustentáveis. São Paulo: **Cultrix**, p. 203, 1993.



CALIXTO, Laura. Responsabilidade Socioambiental: A Percepção Das Ongs Ambientalistas. **Revista Alcance**. Biguaçu, v. 17, n. 4, p. 367-382, 2010. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/2730/responsabilidade-socioambiental-a-percepcao-das-ongs-ambientalistas/i/pt-br>. Acesso em 15 nov. 2020.

CÂMPERA, Francisco. **Vale, exemplo mundial de incompetência e descaso**. El País, 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908\\_087976.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/27/opinion/1548547908_087976.html). Acesso em 23 dez. 2020.

CAPRA F. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix; 1988.

CARDOSO, L. G. S.; LEMME, C. F. **Em busca das justificativas empresariais para as iniciativas ambientais das empresas brasileiras líderes na publicação de relatórios de sustentabilidade**. Revista de Gestão Social e Ambiental, v. 5, n. 2, art. 5, p. 63-78, 2011. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/1641/em-busca-das-justificativas-empresariais-para-as-iniciativas-ambientais-das-empresas-brasileiras-lideres-na-publicacao-de-relatorios-de-sustentabilidade/i/pt-br>. Acesso 26 Mar. 2021.

CHEN, Y.; LAI, S.; WEN, C. The influence of green innovation performance on corporate advantage in Taiwan. **Journal of Business Ethics**, n.67, p.331-339, 2006.

CHIROLI, M. et. al. Avaliação da gestão ambiental: uma pesquisa em empresas de construção civil na cidade de Maringá-PR, Brasil. **Interciencia**, Caracas, v. 40, n. 1, p. 8-15, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33933115002>. Acesso em 14 abr. 2021.

CLARO, Priscila Borin de Oliveira; CLARO, Danny Pimentel; AMÂNCIO, Robson. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. **Revista de Administração – RAUSP**. São Paulo. v. 43, n. 4, p. 289-300, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rausp/article/download/44483/48103>. Acesso em 31 out. 2020.

CORRÊA, P.S.A; VIEIRA, F.G.D. A escolha da causa no marketing social corporativo. **Caderno de Administração**, v.1, n.2, p. 3-13, 2005. Disponível em: [https://www.academia.edu/3032793/A\\_escolha\\_da\\_causa\\_no\\_marketing\\_social\\_corporativo](https://www.academia.edu/3032793/A_escolha_da_causa_no_marketing_social_corporativo). Acesso em 27 jan. 2020.

COSTA, et. al. Discurso das Práticas Ambientais e Isomorfismo nas Empresas de Alto Impacto Ambiental Listadas na BM&FBoespa. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade – RMS**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 76-97, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/754/0>. Acesso em 30 mar. 2021.

CZINKOTA, M., KAUFMMAN, H. R., BASILE, G. The relationship between legitimacy, reputation, sustainability and branding for companies and their supply chains. **Industrial Marketing Management**, 43, 91-101, 2014.

DAVIES, F. R.; ANA PAULA DE LIMA DA SILVA. Os Três Pilares Da Sustentabilidade Na KNX Plástico e Alumínio. **Revista Tecnológica**, v. 27, n. 1, p. 59-69, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevTecnol/article/view/44105>. Acesso em 15 fev. 2021.

DELMAS, M.A. The Diffusion of Environmental Management Standards in Europe and in the United States: an Institutional Perspectives. **Policy Science**, n. 35, p. 91-119, 2002.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DINIZ, M. L. F.; CALLADO, A. L. C. Mensurando a Sustentabilidade Empresarial através do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE): Um Estudo em Empresas Do Setor Gráfico. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, v. 6, n. 2, p. 105-122, 2017. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/49442/mensurando-a-sustentabilidade-empresarial-atraves-do-grid-de-sustentabilidade-empresarial--gse---um-estudo-em-empresas-do-setor-grafico-/i/pt-br>. Acesso em 19 mar. 2021.

DOLCE, J. Amazônia está próxima de atingir percentual irreversível de desmatamento. **Brasil de Fato**, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/06/amazonia-esta-proxima-de-atingir-nivel-irreversivel-de-desmatamento>. Acesso em 16 mar. 2021.

DOMENICO, D. D.; TORMEM L.; MAZZIONI S., Nível de disclosure nos relatórios de sustentabilidade em conformidade com o Global Reporting Initiative (GRI). **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, SC, v.16, n. 49, p. 84-100, set/dez. 2017. Disponível em: [http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao\\_ambiental/article/view/2685/2273](http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/gestao_ambiental/article/view/2685/2273). Acesso em 24 fev. 2021.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ELKINGTON, J. Cannibals with forks: the Triple Bottom Line of 21st century business. Oxford: **Capstone**, 1997.

FARIA, José Henrique. Por uma teoria mais crítica da sustentabilidade. **Organizações e Sustentabilidade**. Londrina, v.2, n. 1, p. 02-25, 2014.

FRANCO, M. Análise de Conteúdo. **Liber Livro Editora**, Brasília, 2ª ed, 2005.

FROEHLICH, C.; BITENCOURT, C. Sustentabilidade Empresarial: Um Estudo de Caso na Empresa Arteccla. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS**, v. 5, n. 3, p. 55-71, 2016. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/44237/sustentabilidade-empresarial--um-estudo-de-caso-na-empresa-arteccla/i/pt-br>. Acesso em 17 mar. 2021.

GARRIDO, G.; SALTORATO, P. Isomorfismo, eficiência simbólica e legitimidade social na institucionalização da sustentabilidade socioambiental nas organizações contemporâneas. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 5, n. 2, p. 69-82, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/39269/isomorfismo--eficiencia-simbolica-e-legitimidade-social-na-institucionalizacao-da-sustentabilidade-socioambiental-nas-organizacaoes-contemporaneas>. Acesso 04 abr. 2021.

GATI, A. M. Gestão corporativa socioambiental e competitividade empresarial (Tese de Doutorado). **Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo**, São Paulo, SP, Brasil, 2015.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa em economia. São Paulo: **Atlas**, 1991.

GONZÁLEZ-BENITO, J.; GONZÁLEZ-BENITO, O. Uma Revisão dos Fatores Determinantes da Proatividade Ambiental. *Business Estratégia de Negócios e Meio Ambiente*, v. 15, n. 2, p. 87-102, 2006. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/bse.450>. Acesso em 30 jan. 2021.

GRI - Global Reporting Initiative. About GRI. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/about-gri/>. Acesso em: 13 abr. 2021

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica. *Perspectivas do Meio Ambiente Mundial-2002. GEO3: Passado, presente e futuro*. Brasília: IBAMA/UMA, 2004.

JABBOUR, C. J. C. Environmental training and environmental management maturity of Brazilian companies with ISO14001: Empirical evidence. **Journal of Cleaner Production**, v. 96, n. 1, p. 331-338, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S095965261300721X>. Acesso em 01 maio 2021.

JUPIASSÚ, Carlos E.; GUERRA, Isabella F. 30 anos do relatório Brundtland: Nosso futuro e o desenvolvimento sustentável como diretriz constitucional brasileira. **Revista de Direito da Cidade**, v. 09, n. 4, p. 1884-1901, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/rdc/article/view/30287/23220>. Acesso em 22 abr. 2021.

LARA, Luiz Gustavo A.; OLIVEIRA, Samir A. A ideologia do crescimento econômico e o discurso empresarial do desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE-BR**, v. 15, n. 2, Artigo 8, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2017.

LATOUCHE, S. *Pequeno tratado do decrescimento sereno*. São Paulo: **Martins Fontes**, 2009.

LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: **Cortez**, 2002.

LIMA, A; SALTARELLI, E; SILVA, S. A Colonização da Sustentabilidade: Análise do Discurso de Peças Publicitárias da Natura Cosméticos. **Revista de Gestão Social e Ambiental – RGSA**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 18-37, 2020. Disponível em:

<http://www.spell.org.br/documentos/ver/61376/a-colonizacao-da-sustentabilidade--analise-do-discurso-de-pecas-publicitarias-da-natura-cosmeticos/i/pt-br>. Acesso em 31 mar. 2021.

MACHADO, D. P., & OTT, E. Estratégias de legitimação social empregadas na evidenciação ambiental: um estudo à luz da teoria da legitimidade. **Revista Universo Contábil**, v. 11, n. 1, p. 136-156, 2015.

MARTINS, A. L. A. M.; RAZUK, N. P. C. Sustentabilidade empresarial: a questão socioambiental sob a ótica da análise econômica do direito. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 41, p. 6-29, jul./dez., 2012.

MASCARENHAS, M. P.; SILVA, W. A. C. Triple Bottom Line da sustentabilidade: uma análise em empresas nacionais produtoras de óleos e gorduras. **Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 3, n. 1, p. 62-79, 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/38246/triple-bottom-line-da-sustentabilidade--uma-analise-em-empresas-nacionais-produtoras-de-oleos-e-gorduras/i/pt-br>. Acesso em: 19 mar. 2021.

MASSON-DELMOTTE, Valérie et. al. Aquecimento Global de 1,5°. **IPCC Painel Internacional sobre Mudanças Climáticas**, p. 01-27, 2018. Disponível em: [https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15\\_spm\\_final.pdf](https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15_spm_final.pdf). Acesso em 29 nov. 2020.

MAZO, C. G. D.; PAMPOLINI, C. P. G. Sustentabilidade nas organizações: a aplicação do método gaia de gerenciamento de impactos ambientais em uma empresa. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 3, p. 103-121, 2015. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/39496/sustentabilidade-nas-organizacoes--a-aplicacao-do-metodo-gaia-de-gerenciamento-de-impactos-ambientais-em-uma-empresa/i/pt-br>. Acesso em 25 mar. 2021.

MEIRA, S.; GUERRAZZI, L.; ASSAN, M. Por Livre ou Esontânea Pressão: A Motivação de Empresas para a Contratação de Consultorias Ambientais. **EnANPAD 2017**, São Paulo, 2017.

MÈSZAROS, Istvan. Para além do capital. São Paulo: **Boitempo Editorial**, 2002.

MIGUEL, Katarini. Manifesto sobre as práticas comunicativas do Greenpeace Brasil e Instituto Socioambiental em cenários de tensionamentos. **Chasqui**. Mato Grosso do Sul, n. 144, p. 141-162, 2020. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4262/3334>. Acesso em 15 jan. 2020.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: Evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**. Mato Grosso do Sul, n. 16, p. 23-41, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/eed/article/viewFile/3442/1970>. Acesso em 30 out. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000.

MOURA, A. M. M. Governança ambiental no Brasil: instituições, atores e políticas públicas. Brasília: **IPEA**, 2016. Disponível em: < [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160719\\_governanca\\_ambiental.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160719_governanca_ambiental.pdf) >. Acesso dia 10 jan. 2021.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denise. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p.731-747, ago. 2011.

Mudanças climáticas é a principal responsável pela duplicação das catástrofes naturais, diz ONU. G1 por **France Presse**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/10/12/mudanca-climatica-e-principal-responsavel-pela-duplicacao-das-catastrofes-naturais-diz-onu.ghtml>. Acesso em 05 jan. 2021.

MUNARETTO, L.; AGUIAR, J.; VIEIRA, J. Implementação de Práticas de Sustentabilidade Ambiental em uma Empresa do Setor Mecânico. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade – RMS**. São Paulo, v. 7, n. 3, p. 159-174, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1024/pdf>. Acesso em 25 mar. 2021.

NASCIMENTO, I. C. et. al. Internacionalização e Sustentabilidade Empresarial no Brasil. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais – ESPM**. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 63-79, 2020. Disponível em: <https://internext.espm.br/internext/article/view/591>. Acesso em 15 nov. 2020.

NASCIMENTO, L. Humanidade já usou recursos naturais do planeta para 2019. **Agência Brasil**, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-07/humanidade-ja-usou-recursos-naturais-do-planeta-para-2019>. Acesso em 16 mar. 2021.

Natura. Nossa história. 2018. Disponível em: <http://www.natura.com.br/a-natura/nossa-historia>. Acesso 01 abr. 2021.

NORMAN, W.; MACDONALD, C. Getting to the bottom of the “Triple Bottom Line”. **Business Ethics Quarterly**, v. 14, n. 2, p. 243-262, 2004.

ONU – Organização das Nações Unidas. “Cúpula da Terra”: Agenda 21. **Comissão para o Desenvolvimento Sustentável**. 1992. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ONU – Organização das Nações Unidas. Declaração de Joanesburgo sobre Desenvolvimento Sustentável. **Cúpula Mundial Sobre Desenvolvimento Sustentável**. 2002. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ONU – Organização das Nações Unidas. Relatório de Brundtland: “Nosso Futuro Comum”. **Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento** 1987. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 20 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. **Conheça os novos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU**. 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: 10 mar. 2020.

PEIXE, B. et. al. Fatores relacionados com a maturidade do sistema de gestão ambiental de empresas industriais brasileiras. **RAE – Revista de Administração de Empresas (FGV)**. São Paulo, v. 59, n.1, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v59n1/0034-7590-rae-59-01-0029.pdf>. Acesso em 23 nov. 2020.

PETRILLI, L. RACHID, A. e NETO, M.S. Inserção de aspectos sociais na sustentabilidade e o aumento do escopo do fenômeno além da esfera ambiental: o tratamento conjunto por empresas brasileiras. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade (RMS)**, v. 9, n.3, p. 64-80, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1802/pdf>. Acesso em 13 jan. 2021.

PROOPS, J. et al. Realizando um Mundo Sustentável. In: CAVALCANTI, C. Meio ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. São Paulo: **Cortez**; Recife: FUNDAJ, 1997. p. 104-111.

QUELHAS, O. L.G., FILHO, C.A. e MEIRIÑO, M.J. Responsabilidade social, ética e sustentabilidade na engenharia de produção. In: **Introdução à Engenharia de Produção**. Organização: M. O. Batalha. São Paulo: Campus, 2007.

RATTNER, H. Desenvolvimento e emprego: a viabilidade de uma tecnologia intermediária. **Revista de Administração de Empresas**, v. 14, n. 3, p. 145-153, 1974. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901974000300012](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901974000300012). Acesso em 08 dez. 2020.

RECH, M. et. al. Práticas Sustentáveis Voltadas à Green Logistic: Estudo Multicaso em Empresas de Cosméticos. **RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba. Editora Unoesc, v. 18, n. 3, p. 419-446, 2019. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RIBEIRO, H. C. M.; CORRÊA, R. Evolução do Relatório de Sustentabilidade Global Reporting Initiative – GRI: 20 Anos de Aplicação. **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, v. 9, n. 2, p. 294-311, 2020. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/60936/evolucao-do-relatorio-de-sustentabilidade-global-reporting-initiative-----gri--20-anos-de-aplicacao/i/pt-br>. Acesso em 22 mar, 2021.

SALLES, A. et. al. Gestão Pró-Sustentabilidade: Um Estudo Sobre o Processo de Mudança Em Uma Empresa Brasileira. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade – RMS**, São Paulo, v. 8, n. 3, 2018. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1422/html>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SANTOS, A. et. al. Deixe-me Ver Como Ages e Eu Te Direi Quem És: Perfis de Organizações Sustentáveis. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 16, n. 3, p. 464-487, 2019. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/55335/deixe-me-ver-como-ages-e-te-direi-quem-es--perfis-de-organizacoes-sustentaveis-/i/pt-br>. Acesso em 14 abr. 2021.

SANTOS, T.; WALTER, S.; BERTOLINI, G. Práticas de Sustentabilidade Como Estratégia de Legitimidade Organizacional em uma Cooperativa Agropecuária. **Revista Metropolitana de Sustentabilidade – RMS**. São Paulo, v. 9, n. 3, p. 36-63, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/rms/article/view/1611/pdf>. Acesso em 18 mar. 2021.

SOARES, R. A Sustentabilidade Aplicada na Elaboração de Centros de Distribuição no Brasil. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS**. São Paulo, v. 6, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.revistageas.org.br/ojs/index.php/geas/article/view/437/243>. Acesso: 19 mar. 2021.

SOSCHINSKI, C. K., Brandt, E., & Klann, R. C. Internacionalização e práticas de responsabilidade social corporativa em empresas brasileiras. **Advances in Scientific & Applied Accounting**, v. 12, n. 1, p. 47-64, 2019. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/54130/internacionalizacao-e-praticas-de-responsabilidade-social-corporativa-em-empresas-brasileiras-/i/pt-br>. Acesso em 01 maio 2021.

STERN, Paul C. et al. Mudanças e agressões ao meio ambiente. São Paulo: Makron Books. Traduzido por José Carlos Barbosa dos Santos: **revisão técnica Luís Cláudio Freitas Lemos**. p. 314, 1993.

VANALLE, R.; SANTOS, L. Análise das práticas de sustentabilidade utilizadas na gestão da cadeia de suprimentos: pesquisa de campo no setor automotivo brasileiro. **Gestão & Produção – G&P**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 323-339, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-530X2014000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-530X2014000200008). Acesso 26 mar. 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. **Atlas**, São Paulo, v. 15, 2014.

WANNER, T. The new 'passive revolution' of the green economy and growth discourse: maintaining the 'sustainable development' of neoliberal capitalism. **New Political Economy**, v. 20, n. 1, p. 21-41, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/271992607\\_The\\_New\\_'Passive\\_Revolution'\\_of\\_the\\_Green\\_Economy\\_and\\_Growth\\_Discourse\\_Maintaining\\_the\\_'Sustainable\\_Development'\\_of\\_Neoliberal\\_Capitalism](https://www.researchgate.net/publication/271992607_The_New_'Passive_Revolution'_of_the_Green_Economy_and_Growth_Discourse_Maintaining_the_'Sustainable_Development'_of_Neoliberal_Capitalism). Acesso em 03 jan. 2021.

WEBER, Marianna. Brasil é o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo. **Forbes**, 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/07/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>. Acesso em 02 abr. 2021.